

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar  
Centro de Educação e Ciências Humanas - CECH  
Departamento de Sociologia - DS

**Atuação da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias na recepção de migrantes venezuelanos recém-chegados: um estudo sobre a precarização do trabalho migrante em uma cidade média do interior de São Paulo**

Monografia apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais. Sob a orientação da Profa. Dra. Svetlana Ruseishvili.

**Giovana Miorim Teodoro**

São Carlos, Setembro de 2023

GIOVANA MIORIM TEODORO

**A doutrina mórmon e a adesão à racionalidade neoliberal: um estudo sobre a precarização do trabalho de migrantes venezuelanos no interior de São Paulo**

Monografia apresentada ao Departamento de Sociologia da Universidade Federal de São Carlos como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientação: Profa. Dra. Svetlana Ruseishvili.

São Carlos  
Setembro de 2023



"[...] É...ele...ele era muito...agressivo. Queria ficar gritando, queria bater na giente. A empresa não fazia nada tipo falar com ele, então era bem complicado. Tipo vocês se viram [...] E o pagamento no era muito...muito bom, **mas eu era estrangeiro, não tinha escolha, não achava mais...mais nada e fiquei aí.**"

(Pedro, membro da igreja interiorizado, interior de São Paulo, nov. de 2021)

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) por me conceder uma bolsa de Iniciação Científica que não só possibilitou a realização da minha pesquisa, mas também deu origem a esta monografia.

Agradeço também à minha orientadora: Svetlana Ruseishvili. Para além de todos os aprendizados e crescimento profissional no âmbito das Ciências Sociais, aprendi com você sobre empatia, humanidade e companheirismo. Desde 2021, você me auxiliou na escrita do meu projeto de pesquisa até a transformação dela em monografia. Obrigada por todo o carinho e por tudo que aprendemos em conjunto ao longo da realização deste trabalho.

Gostaria de agradecer minha mãe Paola Miorim e meu pai Silvio Teodoro por terem sido meus combustíveis e incentivos diários. Com vocês aprendi a olhar para o mundo que me rodeava de maneira curiosa e crítica, logo, passei a me interessar por entender a sociedade e seu funcionamento o que resultou na escolha do curso. Não posso deixar de agradecer-los pelo apoio financeiro e emocional durante toda a minha formação acadêmica e, sem os quais, certamente não estaria concluindo mais uma conquista. Aos meus irmãos, Livia Miorim e Ian Miorim, muito obrigada por absolutamente tudo, vocês foram meus maiores acentos em momentos difíceis, os melhores abraços e as mais sinceras risadas.

À minha avó Vera, pedagoga nata, meu mais sincero agradecimento por sempre acreditar na potencialidade que existia em mim. À minha madrastra Flávia Osório, muito obrigada por todo o apoio e participação ao longo da minha vida inteira e, principalmente, por ter me incentivado tanto a mergulhar no universo da pesquisa acadêmica.

Sou grata por todos os amigos queridos que fizeram parte, de alguma forma, destes anos de graduação, obrigada por partilharem comigo inseguranças, vitórias, risadas, choros e momentos inesquecíveis. Em especial, obrigada à Ana e à Nath que partilharam comigo nossa casinha durante quatro anos, que privilégio imenso ter vocês ao meu lado. Ao meu namorado Lucas, por estar comigo em todos os momentos ao longo desta trajetória na graduação, começamos este capítulo juntos, estamos o encerrando para então começar um novo, mas sempre lado a lado.

Agradeço a Universidade Federal de São Carlos, por todas as experiências que me foram proporcionadas. Especialmente, aos professores e colegas de turma por me proporcionarem uma expansão de horizontes imensa ao lidar com o diferente e o novo.

Por fim, gostaria de agradecer imensamente a todos os interlocutores de minha pesquisa que me receberam em suas casas e em seus ambientes de braços abertos, e por compartilharem histórias de vida tão fortes. Vocês foram fundamentais em todo o processo.

## **RESUMO**

O presente texto tem como objetivo explorar vias de incorporação não étnicas de migrantes no país de destino, focando na questão do trabalho como uma das principais formas de inserção na nova sociedade. Para tal, será utilizado como base empírica de estudo o caso de migrantes venezuelanos no Brasil que foram interiorizados pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons). Dessa maneira, a reflexão proposta perpassa pelo panorama geral da atuação de organizações religiosas na governança do fluxo migratório, assim como, a relação entre migração e religião, especialmente no contexto de cidades médias. Nesse sentido, o texto visa a busca pela compreensão de como a incorporação de migrantes venezuelanos no Brasil através da precarização do trabalho se relaciona com a ideia de autossuficiência altamente difundida pelos membros da igreja supracitada acima.

**Palavras-chave:** interiorização; migrações; organizações religiosas; governança migratória; venezuelanos; cidades médias; trabalho; precarização.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Caminho para um emprego melhor.....	33
--	----

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1- Dados de gênero, idade e local da entrevista das entrevistas com venezuelanos...	18
Quadro 2 - Escolaridade e ocupação no Brasil e na Venezuela.....	39





## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ACNUR - Alto Comissariado Das Nações Unidas para Refugiados

IJC - Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

O.A. - Operação Acolhida

ONU - Organização das Nações Unidas

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>11</b>
Os caminhos do trabalho de campo: reflexões metodológicas	17
<b>Capítulo I. Organizações religiosas e migração: incorporação não-étnica</b>	<b>20</b>
I.1 - Migração e Religião: um debate teórico	20
I.2 - Atuação da Igreja de Jesus Cristo no acolhimento de migrantes venezuelanos no Brasil	24
<b>Capítulo II. A doutrina da autossuficiência e o trabalho precário como uma forma de inserção na sociedade de destino</b>	<b>33</b>
<b>Conclusões</b>	<b>45</b>
<b>Anexos</b>	<b>49</b>
Roteiro de entrevista com profissionais de organizações da sociedade civil	49
Roteiro de entrevista com imigrantes venezuelanos em São Carlos	51
Roteiro de entrevista com a comunidade local na cidade de destino dos migrantes venezuelanos	54
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>55</b>



## Introdução

As questões de mobilidade e deslocamento são fatores fundamentais para a compreensão do mundo contemporâneo em sua totalidade, uma vez que, é uma característica intrínseca à sociedade capitalista neoliberal. Por sua vez, a mobilidade é não somente de mercadorias, mas também de relações, costumes, ideias e indivíduos. Atualmente, devido aos diversos conflitos ao redor do globo, somados com catástrofes naturais e contradições do próprio sistema capitalista, o deslocamento humano compõe um campo que tem ganhado cada vez mais destaque à medida que se torna também cada vez mais frequente (Souza, Ruseishvili, 2020). Dessa maneira, na contemporaneidade, a migração se mostra enquanto um fenômeno plural, complexo e em constante transformação de acordo com as circunstâncias dadas (Nolasco, 2016).

Souza e Ruseishvili (2020) apontam a dificuldade atual em distinguir o deslocamento forçado do deslocamento voluntário, visto que há também uma dificuldade de delimitar uma única motivação para a saída do país de origem. O caso venezuelano exemplifica bem a questão: o país enfrenta hoje uma grande crise econômica, em que a maior parte da população sofre com a ausência de produtos básicos para a subsistência, como medicamentos e comida. O cenário se agrava com aumento dos índices de desemprego, fazendo com que milhares de venezuelanos optem por migrar em busca de melhores condições de vida (Koechlin, Vega, Solórzano, 2018, p. 56-66).

A Organização das Nações Unidas (ONU) estima que cerca de 6,8 milhões de pessoas já deixaram o país, assim, o fluxo migratório de venezuelanos constitui, atualmente, o maior êxodo da América Latina (Alvarez, 2022). Dados do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)<sup>1</sup> mostram que, desde 2014, houve um aumento significativo de 8 mil por cento no número de venezuelanos que buscavam reconhecimento do status de refúgio pelo mundo, mas especialmente na região das Américas.

A análise do cenário Brasil-Venezuela, dentro do contexto das migrações, evidencia uma mudança no “comportamento” das mesmas (Silva e Abrahão, 2019). Até 2015, o território brasileiro não recebia um número tão alto de imigrantes vindos da Venezuela, já a partir de tal ano, o cenário se modifica com uma ampliação no número de imigrantes venezuelanos buscando refúgio. Segundo o Subcomitê Federal para Recepção,

---

<sup>1</sup> ACNUR. “Brasil torna-se o país com maior número de refugiados venezuelanos reconhecidos na América Latina”. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2020/01/31/brasil-torna-se-o-pais-com-maior-numero-de-refugiados-venezuelanos-reconhecidos-na-america-latina/>. Acesso em: 13 de abril de 2023.

Identificação e Triagem dos Imigrantes<sup>2</sup> publicado em fevereiro de 2022, estima-se que desde 2017 foram cerca de 700 mil venezuelanos entrando no Brasil, destes, 325 mil permaneceram no país.

O "boom" de migrações para o território brasileiro somado com a ausência de recursos e preparo público para a recepção e acolhimento dos migrantes gerou debates acerca de como seria possível conduzir a questão, levando em consideração os direitos humanos e o histórico do país que tem sido reconhecido mundialmente por respeitar protocolos e acordos internacionais de acolhimento. Diante deste cenário, a situação do Estado de Roraima, principal via de entrada no Brasil, foi reconhecida em fevereiro de 2018 pelo então presidente da república Michel Temer enquanto uma situação de vulnerabilidade.

Na prática, tal reconhecimento se mostrou como uma condição emergencial e de urgência uma vez que, elucidava a fragilidade dos indivíduos perante a proteção social, isto é, fragilidade perante o conjunto de políticas públicas que evitariam a violação dos direitos humanos, advinda do fluxo migratório provocado pela crise humanitária na Venezuela (Ribeiro, 2020). Nesta conjuntura, o Comitê Federal de Assistência Emergencial foi criado também em fevereiro de 2018 através da Medida Provisória nº 820 (2018) que, em seguida, foi convertida na Lei nº 13.684 (2018).

A secretaria executiva do Comitê foi assumida pelo Ministério da Defesa e um general de divisão do Exército Brasileiro foi nomeado o coordenador operacional das ações de assistência emergencial. Segundo Ribeiro (2020), além da preocupação com a infraestrutura e a recepção, passaram a ser prioridades para a atuação:

[...] a segurança pública e fortalecimento do controle de fronteiras; a logística e distribuição de insumos e a mobilidade, contemplados a distribuição e a interiorização no território nacional, o repatriamento, quando for o caso, e o reassentamento dessas pessoas” (Ribeiro, 2020. p.68).

A Operação Acolhida se iniciou portanto em 16 de março de 2018, reunindo esforços de indivíduos, entidades e organizações religiosas, autoridades brasileiras e agências e organizações internacionais, nos mais variados âmbitos: político, estratégico, tático e operacional (Silva, 2019). Para tal contou com um planejamento subdividido em

---

<sup>2</sup> Subcomitê Federal para Recepção, Identificação e Triagem dos Imigrantes. Disponível em: [https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Subcomit%C3%AA\\_federal/publica%C3%A7%C3%B5es/informe-migracao-venezuelana-jan2017-fev2022-v5.pdf](https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Subcomit%C3%AA_federal/publica%C3%A7%C3%B5es/informe-migracao-venezuelana-jan2017-fev2022-v5.pdf)

três pilares básicos: abrigamento, ordenamento da fronteira e interiorização (de Oliveira, 2018). O primeiro deles se baseia na oferta de infraestruturas de qualidade de alojamento, que contem com uma equipe e área para apoio médico e alimentação. Já o ordenamento da fronteira consiste na organização do fluxo migratório desde a chegada dos imigrantes no país. Por fim, a interiorização é o processo de distribuição do novo contingente populacional pelo Brasil, a fim de não sobrecarregar os serviços públicos locais, especialmente no Estado de Roraima, principal via de recepção dos migrantes dada a fronteira com a Venezuela.

A operação estatal e sua organização evidencia o funcionamento prático do processo de governança migratória. O conceito de governança diz respeito a um fenômeno amplo e abrangente, que implica em mecanismos informais e na participação da sociedade civil como um todo no processo de acolhimento de migrantes no local de destino, evidenciando que a inserção vai além da instituição formal do governo e suas atuações (Gonçalves, 2006). A governança, como defende Gonçalves (2006) deve ser compreendida a partir da ação conjunta entre o Estado e a sociedade a fim de identificar problemas e formular soluções adequadas, assim como, mobilizar os meios e recursos para tal, sendo inegável que a atuação de agentes não-estatais vem se tornando central para o desenvolvimento e práticas de governança:

Como resultado, tropas das Forças Armadas do Brasil, em coordenação com a Organização das Nações Unidas (ONU), órgãos de segurança pública, agências governamentais, organizações não governamentais e entidades religiosas e filantrópicas, têm realizado ações de cunho humanitário, acolhendo os venezuelanos que ingressam no território brasileiro, fugindo da crise da república bolivariana.” (de Oliveira, 2018, p. 2).

Nesse sentido, as organizações e entidades religiosas têm atuado de maneira cada vez mais ativa no acolhimento de migrantes e refugiados no Brasil. O cenário migratório nos últimos anos evidencia o surgimento de novos atores neste processo, assim, para além das organizações religiosas predominantemente católicas, que historicamente se destacam por seu engajamento com a população migrante, fica evidente o papel fundamental realizado por igrejas pentecostais, neopentecostais e denominações restauracionistas, como Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (IJC)<sup>3</sup> e Testemunhas de Jeová (Oliveira, 2018; Ribeiro,

---

<sup>3</sup> A igreja é popularmente conhecida como “Igreja Mórmon”, em referência ao Livro de Mórmon, uma das quatro escrituras doutrinárias da denominação. Os nossos interlocutores da Igreja apontaram que esse nome é pejorativo e deve ser evitado. Diante disso, optamos por usar no presente texto a sigla IJC (Igreja de Jesus

2020; Souza e Ruseishvili, 2020; Vasconcelos, 2022; Mendes e Fernandes, 2021).

O presente texto é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e pretende explorar o trabalho precário enquanto uma via de incorporação disponível para migrantes venezuelanos interiorizados em uma cidade média do estado de São Paulo que se inserem em uma comunidade de fé. Dessa maneira, o intuito é traçar e compreender a relação existente entre a incorporação de tais indivíduos por meio da precarização do trabalho e a ideia central de autossuficiência altamente difundida em organizações religiosas. Para tal foi adotada a definição de incorporação proposta por Glick Schiller et al. (2006, p. 614): “processo de formação ou manutenção de redes de relações sociais, através das quais o indivíduo ou um grupo organizado de indivíduos se torna ligado a uma instituição reconhecida por um ou vários estados-nação”.

Contudo, fica evidente que os migrantes transitam entre diversas vias de incorporação, proporcionadas por múltiplos espaços institucionais que os oferecem a inclusão simultânea em redes sociais distintas, as quais variam, podendo ser emprego, parentesco, vizinhança, comunidades de fiéis, instituição públicas, e “laços fracos” (Granovetter, 1973), por exemplo, relações eventuais com funcionários de ONGs ou de instituições públicas. Os meios de incorporação não étnico, como a participação em comunidades religiosas, constroem laços em comum e conectam migrantes para além das relações construídas em volta dos interesses étnicos, de uma cultura compartilhada e de autoidentificação.

Diante deste cenário, a centralidade de formações sociais étnicas para a inserção de migrantes na sociedade de destino em conjunto com a ideia de integração como um processo de ressocialização disruptiva foi colocada em xeque pelo debate crítico do nacionalismo metodológico nos estudos migratórios (Portes e Zhou, 1993; Glick Schiller, Basch, Blanc, 1995; Glick Schiller e Wimmer, 2002; Levitt e Khagram, 2007; Faist, 2012; Anderson, 2019). Assim, o envolvimento de migrantes em comunidades de fé pode ser categorizado como uma via de incorporação não-étnica (Glick Schiller *et al.*, 2006). A religião oferece uma base comum de crenças, valores, identidades e práticas compartilhadas entre os fiéis que transcendem identificações étnicas e sustentam o sentimento de fraternidade, muito presente nas retóricas e práticas de diversas religiões (Vasconcelos, 2022). A comunidade de fiéis não

---

Cristo) ou Igreja JC para nos referir à instituição religiosa. Usamos o adjetivo “mórmon” para caracterizar a cultura e os valores da comunidade de fiéis.



é único grupo social não étnico que apresenta caminhos para incorporação de migrantes, - sendo redes de trabalho, educação pública e movimentos sociais exemplos de canais efetivos para inserção, - no entanto, sua importância tem crescido na proporção que a religião se fortalece na sociedade contemporânea como resposta à individualização e atomização neoliberais.

Glick Schiller *et al.* (2006) apontam que as comunidades de fiéis são canais de incorporação ainda mais centrais, quando se trata de localidades que oferecem poucas estruturas econômicas e públicas em que os migrantes possam se inserir fora de seu grupo étnico. Esse é o caso de cidades médias. No Brasil, não há consenso sobre a definição exata das cidades médias, que varia em função dos critérios adotados. Considerando o critério populacional, alguns pesquisadores determinam que seriam cidades de porte médio aquelas que possuem entre 50 mil e 500 mil habitantes (Bessa, 2005). No contexto global, a Organização das Nações Unidas (ONU) determina cidades médias como locais com população de 100 mil a 1 milhão de habitantes.

A falta de consenso faz com que autores como Branco (2006), defendam que a variável populacional isolada não contempla a complexidade do fenômeno da cidade média, uma vez que, deve considerar também o papel que a cidade desempenha na rede urbana. O conceito, portanto, refere-se:

[...] fundamentalmente, à complexidade funcional adquirida pela cidade, à posição que ela ocupa na hierarquia da rede urbana de sua região e, finalmente, ao papel que desempenha no circuito econômico regional. Os dados estatísticos precisam ser complementados por uma análise geográfica mais aprofundada para se determinar uma classificação completa. (Garcia e Nogueira, pgs. 6 e 7, 2008).

Dessa maneira, sua definição é multifatorial e leva em consideração as taxas de crescimento demográfico e econômico; a posição ocupada no circuito econômico regional; a capacidade de geração de empregos; a excelência em qualidade de vida e a concentração de atividades terciárias, entre outros elementos (Garcia e Nogueira, 2008; Branco, 2006). A inserção de migrantes na sociedade urbana depende da estrutura de oportunidades que a cidade de instalação proporciona. Em comparação com grandes metrópoles que servem como porta de entrada para migrantes internacionais, as cidades médias possuem menor número de instituições especializadas em atender os recém-chegados, não desenvolvem comunidades ou bairros étnicos e nem sempre oferecem vastas oportunidades de emprego nos setores da

economia disponíveis aos trabalhadores migrantes. Por outro lado, cidades médias e pequenas têm maior potencial de mobilizar a sociedade civil local como um todo para acolher os migrantes em situações de vulnerabilidade (Nguyen, 2020).

Até a massificação da migração venezuelana para o Brasil, em 2015, a dispersão de migrantes pelas cidades médias no Brasil tem sido abordada nos estudos focados em mobilidades haitianas, cujas características eram o dinamismo, espontaneidade, vinculação às oportunidades de emprego, sobretudo em alguns setores econômicos específicos, e acionamento de redes étnicas (Cogo, 2014; Joseph, 2015; Dias, Silva e Silva, 2020; Rosa, Majía e Périco, 2021). Diferentemente dessa distribuição autônoma dos migrantes haitianos pelas cidades médias brasileiras, os migrantes venezuelanos foram sujeitos a uma lógica de reassentamento dirigido, estabelecida pelo programa de “interiorização” da Operação Acolhida (OA), estrutura logístico-humanitária multi-institucional iniciada em março de 2018 em Roraima para gerenciar a vinda massiva de venezuelanos para o Brasil (Baeninger et al, 2018; Moulin, Magalhães, 2020).

A interiorização é um programa governamental administrado por um conjunto diverso de instituições (Exército, Estado, ONGs, instituições internacionais) que tem por objetivo transferir os migrantes venezuelanos de Roraima para outros estados do Brasil. Os dados mostram que a maioria (67%) dos migrantes realocados pela Operação Acolhida tiveram como destino cidades não capitais dos respectivos estados brasileiros (R4V, 2022).

O *modus operandi* da interiorização proporciona pouco espaço para os migrantes escolherem o seu destino. De forma geral, eles possuem pouca informação sobre condições de vida nas cidades médias para as quais são reassentados. Diante disso, a importância de instituições sociais no destino que possam oferecer oportunidades para a incorporação é ainda maior. O caráter dirigido e imposto da interiorização (Baeninger, 2018) aprofunda rupturas de redes sociais que são necessárias para acumulação primária de capital social, compreendido como habilidade dos atores sociais de obter benefícios por meio de acionamento de redes sociais ou instituições em que participam (Portes, 1998, p. 6). No contexto de cidades médias que oferecem pouca estrutura de acolhimento para migrantes recém-chegados e poucas redes étnicas, as organizações religiosas e comunidades de fé que elas envolvem se tornam vias de incorporação fundamentais.

Portanto, como supracitado acima, o presente texto pretende investigar e compreender as vias de incorporação proporcionadas aos migrantes venezuelanos interiorizados pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (IJC). A IJC é uma comunidade religiosa

neo-cristã restauracionista que, de acordo com o site oficial da Igreja<sup>4</sup>, possui atualmente 1,46 milhões de membros no Brasil e 173 mil na Venezuela<sup>5</sup>. Desde 2018, a Igreja protagonizou a vinda de milhares de venezuelanos, membros e não membros da Igreja, para diversas cidades médias do Brasil. A organização religiosa possui uma rede densa de comunidades, especialmente no Estado de São Paulo, por consequência, grande parcela das pessoas interiorizadas entre 2018 e 2019 para alguma cidade de tal estado foi por meio dos esforços da IJC.

### **Os caminhos do trabalho de campo: reflexões metodológicas**

Num primeiro momento, o enfoque da pesquisa estava nas consequências do processo de interiorização de venezuelanos pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (Mórmons) em cidades médias do interior do estado de São Paulo<sup>6</sup>. Dessa maneira, o trabalho de campo possuía intrínseco a si um caráter exploratório que visava não só mapear a estrutura do processo de interiorização organizado pela IJC, mas também possíveis conflitos entre a população migrante e os fiéis locais.

A inserção em campo se deu por meio da rede de contatos já estabelecida pela minha orientadora, Prof. Svetlana Ruseishvili, que tinha conseguido uma boa interlocução com as lideranças das Igrejas em cidades médias no interior paulista no âmbito de pesquisa e projetos de extensão. Como primeiro passo para estreitar os laços com a comunidade religiosa, marcamos uma visita em uma das sedes da Igreja num domingo de manhã. A ideia primordial era ser apresentada pelo bispo local aos fiéis e assistir a missa, conhecendo mais sobre o funcionamento estrutural da organização.

Em seguida, foi realizada uma conversa com a liderança antiga e o novo líder local para que pudessemos apresentar nossa pesquisa e, através da construção de laços de confiança mútua, solicitar ajuda na intermediação do primeiro contato com famílias venezuelanas interiorizadas e recebidas por eles. A partir de então, contamos com o apoio do bispo da igreja para que pudessemos fazer as entrevistas, ele intermediou o contato e abriu o caminho nos apresentando aos migrantes.

---

<sup>4</sup> Site oficial da Igreja de Jesus Cristos dos Santos dos Últimos Dias "Fatos e estatísticas". Disponível em: <https://noticias-br.igrejadejesuscristo.org/fatos-e-estatisticas>. Acesso em: 18 de abril de 2023.

<sup>5</sup> Site oficial da Igreja de Jesus Cristos dos Santos dos Últimos Dias "Fatos e estatísticas". Disponível em: <https://noticias-br.igrejadejesuscristo.org/fatos-e-estatisticas/pa/%c3%ads/venezuela>. Acesso em: 18 de abril de 2023.

<sup>6</sup> Optei em não citar o nome da cidade estudada para não expor os interlocutores da pesquisa, assim, todos os nomes de entrevistados são fictícios, exceto o do Carlos Wizard Martins, empresário e missionário da Igreja conhecido e cujo protagonismo na interiorização de venezuelanos foi amplamente divulgado na mídia

Entre novembro de 2021 e janeiro de 2022, foram realizadas no total dez entrevistas com migrantes venezuelanos interiorizados em Roraima pela IJC, assim como, duas entrevistas com membros brasileiros da Igreja local. As mesmas ocorreram em locais variados, sendo eles: a sede da Igreja, a casa dos entrevistados e até mesmo online via Google Meets, por questões sanitárias devido a pandemia de Covid-19 os locais mais comuns.

Quadro 1 – Dados de gênero, idade e local da entrevista das entrevistas com venezuelanos

Gênero	Idade (anos)	Local da entrevista
Masculino	25	Igreja de Jesus Cristo
Masculino	46	Casa do entrevistado
Feminino	42	Casa do entrevistado
Feminino	42	Casa do entrevistado
Masculino	62	Casa do entrevistado
Feminino	39	Casa do entrevistado
Masculino	29	Casa do entrevistado
Feminino	28	Casa do entrevistado
Feminino	26	Casa do entrevistado
Masculino	44	Casa do entrevistado

As entrevistas contaram com um roteiro semiestruturado segmentado por interlocutor (membro brasileiro ou venezuelano) buscando captar a perspectiva de cada um dos agentes envolvidos no processo e a coleta de dados demográficos.

Além disso, também foi realizada uma entrevista com uma funcionária de uma das diversas instituições que coordenam e administram o fluxo de interiorização da Operação Acolhida na região de Boa Vista e Pacaraima (RR). A sistematização dos dados encontrados e análise dos mesmos foi orientada por um conjunto de materiais bibliográficos, especialmente na área da Sociologia da Religião.

A estrutura do texto se divide em três partes: capítulo I e II, e, conclusão. Na primeira parte, que consiste no primeiro capítulo do texto, há uma "retrospectiva" e retomada teórica que explicita a relação entre a migração e a religião, para que, em seguida, seja traçado um diálogo com o caso estudado durante a Iniciação Científica. O objetivo é evidenciar o papel

da sociedade civil, especialmente das comunidades de fé, na incorporação de migrantes em cidades médias do Brasil. Será, assim, explorado o *modus operandi* e funcionamento da interiorização realizada pela IJC dentro da conjuntura da Operação Acolhida, destacando a capacidade de tal organização de mobilizar recursos humanos e materiais para organizar a recepção, o abrigamento e a transferência para outros estados enquanto produto de sua estrutura eclesiástica, da autonomia de ação dos seus missionários, do vasto capital social e econômico, assim como do engajamento ativo da comunidade de fiéis no trabalho voluntário.

O capítulo II, por sua vez, busca evidenciar, através de um debate teórico entre a Sociologia do Trabalho e a Sociologia das Migrações, a importância do trabalho como uma via de incorporação não-étnica para a inserção de migrantes na sociedade de destino. Por conseguinte, será explorada a ideia de "papel do nativo" vs "papel do estrangeiro" ancorada no vasto material etnográfico coletado durante a pesquisa de campo. Nesse sentido, também será explorada a doutrina religiosa mórmon, sobretudo como a sua doutrina sobre a "autossuficiência" influencia, potencializa e limita a inserção dos migrantes recém-chegados no mercado de trabalho local.

A conclusão retoma os argumentos centrais debatidos ao longo do texto, evidenciando como a atuação das organizações religiosas e suas comunidades de fiéis podem ser fundamentais na inserção primária dos migrantes em cidades sem estrutura pública de acolhimento como no caso de cidades médias no Brasil. Ao mesmo tempo, é também evidenciado os limites de suas ações na realidade prática. Por fim, destaca-se a possível relação entre a doutrina de autossuficiência presente na IJC e o trabalho como uma via de incorporação não-étnica para a inserção de migrantes na sociedade de destino.

## **Capítulo I. Organizações religiosas e migração: incorporação não-étnica**

### **I.1 - Migração e Religião: um debate teórico**

Nos últimos anos, houve um aumento significativo do fluxo migratório para cidades médias no Brasil reforçado pela própria Operação Acolhida através do pilar de interiorização de migrantes. Dados divulgados pelo governo brasileiro no painel de interiorização na plataforma R4V mostram que desde abril de 2018 cerca de 107 mil venezuelanos foram interiorizados no Brasil. No Estado de São Paulo o número de venezuelanos interiorizados é de 12.720, no entanto, o que chama atenção é que, a interiorização para a capital representa 39,8% do total, evidenciando o aumento da participação de cidades menores no contexto migratório.

Além disso, as cidades médias têm ganhado mais destaque no cenário nacional brasileiro, por serem vistas enquanto um polo atrativo para muitos indivíduos que buscam um melhor padrão de vida, dado que, elas se caracterizam pela:

[...]excelência dos padrões de qualidade de vida e pela presença de redes de informação, de transporte e de comunicação as mais modernas, garantindo-lhes uma integração e uma interação sincrônica e simultânea com as grandes cidades do país e do mundo. (Garcia e Nogueira, p. 5, 2008)

Dessa maneira, se consolida a importância da compreensão de como se dá o processo de atração no âmbito de migrações internacionais. A inserção de migrantes na sociedade urbana depende da conjuntura de oportunidades que a cidade de instalação proporciona aos mesmos. Nesse sentido, as cidades médias, quando comparadas às grandes metrópoles, não oferecem uma abrangência de oferta de emprego, tampouco possuem uma grande quantidade de organizações especializadas no atendimento de migrantes recém-chegados ou comunidades e/ou bairros étnicos, porém, se caracterizam pelo maior potencial de mobilizar a sociedade civil local como um todo para acolher migrantes em situações de vulnerabilidade (Nguyen, 2020).

Logo, justamente por não possuírem à disposição instituições especializadas no acolhimento, a participação da sociedade civil durante o processo de incorporação passa a ter um papel fundamental e decisório na vivência prática dos migrantes no local de destino. Nesta perspectiva, as entidades religiosas que apresentam um caráter humanitário e de

refúgio ganham importância e visibilidade, uma vez que, passam a trabalhar ativamente no de acolhimento dos recém-chegados na cidade. Glick Schiller *et al.* (2006) evidenciam que as mesmas passam a ser meios de incorporação centrais quando se trata de um local com pouca estrutura econômica e pública para que os migrantes possam se inserir fora de seu grupo étnico.

A produção bibliográfica dos estudos migratórios já destacava o papel central das organizações religiosas - ou organizações baseadas em fé (*faith-based organizations*, na tradição da língua inglesa), na recepção e incorporação dos migrantes e refugiados muito antes do caso venezuelano no Brasil. De maneira geral, tais organizações possuem uma capacidade consolidada de mobilizar recursos e estabelecer redes para executar projetos humanitários de diversas orientações (Lyck-Bowen, Owen, 2019, p.22).

A mobilização de recursos se dá em dois âmbitos: material e humano, dado que, entidades e organizações religiosas se caracterizam não só pela capacidade de mobilizar recursos materiais, mas especialmente sujeitos através da criação de um senso de comunidade e ajuda mútua entre os membros que a frequentam (Hirschman, 2004). O senso de comunidade cria um laço recíproco que faz com que a organização religiosa opere desempenhando o papel de uma família substituta, em que a principal função é o próprio acolhimento (Freston, 2008).

A importância de tal papel é atenuada no caso de migrantes, isso porque o processo migratório traz consigo consequências inerentes à condição de "migrante" no novo país (Hirschman, 2004). Por conseguinte, a imigração pode ser uma experiência traumática: imigrantes se tornam "estranhos" num espaço completamente novo, assim, até mesmo tarefas cotidianas, como comprar comida ou trabalhar, demandam um constante esforço mental para compreender e serem compreendidos (Hirschman, 2004). Diante deste cenário de instabilidade inicial devido à condição migratória, a maior parte dos migrantes num primeiro momento busca aquilo que lhes é familiar - como morar em bairros étnicos ou até mesmo trabalhar em empresas com este caráter (Hirschman, 2004).

De maneira geral, imigrantes confrontam uma questão existencial de (re)descobrirem quem são no novo contexto ao qual estão inseridos (Hirschman, 2004 apud Herberg, 1960). Destarte, num cenário social novo, imigrantes geralmente encontram significado em sua identidade através da reafirmação de costumes e crenças tradicionais (Hirschman, 2004 apud Herberg, 1960). Assim, a religião e os rituais religiosos desempenham também um papel de preservação de suas identidades e perpetuação de crenças familiares tradicionais.

As igrejas e entidades religiosas, portanto, são fontes de suporte e apoio diante dos problemas práticos enfrentados por imigrantes que possuem necessidades que vão além do âmbito material e fisiológico: as necessidades psicossociais (Hirschman, 2004). Deste modo, as crenças religiosas não apenas surgem como uma forma de reafirmarem sua identidade e cultivarem antigos costumes, mas também como uma saída possível para lidar com experiências humanas inevitáveis como as perdas, mortes e sofrimento (Hirschman, 2004).

A relação entre religião e imigração se constitui enquanto um fenômeno plural, abrangente e complexo, uma vez que, existe conforme Simmel(2011), uma multiplicidade de motivações psicológicas atribuídas à religião inerentes à sua essência indefinida. Apesar de sua essência indefinida, é nítido que a religião produz um senso de comunidade mútua nos indivíduos que induz a solidariedade entre os mesmos, fazendo com que os membros passem a cooperar uns com os outros (Hirschman, 2004; Simmel, 2011). Com na ideia de que:

A igreja sem fronteiras, mãe de todos, propaga no mundo a cultura do acolhimento e da solidariedade, segundo a qual ninguém deve ser considerado inútil, intruso e descartável. A comunidade cristã, se viver efetivamente a sua maternidade, nutre, guia e aponta o caminho, acompanha com paciência, solidariza-se com a oração e as obras de misericórdia. (Sanchez, p.333, 2018)

Consequentemente, as entidades religiosas e a religião em si se consolidam enquanto peças-chave no acolhimento dos migrantes, em especial em cidades em que não há uma presença significativa de instituições especializadas em tal. A dimensão material do acolhimento e a mobilização de recursos são pontos essenciais neste processo, no entanto, não é possível uma análise completa sem que se pense em termos psicossociais. A igreja atua não somente como um meio de ressignificar os acontecimentos, mas também como uma forma de manutenção da identidade dos migrantes (Hirschman, 2004).

O envolvimento em comunidades religiosas e de fé pode ser categorizado como uma via de incorporação não-étnica (Glick Schiller *et al.*, 2006). Apesar de não ser a única via ganha destaque a medida que se torna cada vez mais frequente com a atuação de entidades religiosas no processo migratório. No Brasil, antes da criação da OA no ano de 2018 diversas comunidades de fé se empenharam no acolhimento dos migrantes venezuelanos em Roraima (Sarmiento, Rodrigues, 2018). Tais comunidades tiveram um protagonismo na recepção, acolhimento e interiorização de venezuelanos, o qual já fora documentado apesar de ainda pouco refletido na literatura crítica.



Surtem então questionamentos acerca das motivações por trás das ações humanitárias. É apontado por Mendes e Fernandes (2021) que uma explicação possível para o envolvimento das igrejas pode ser parte de sua doutrina religiosa que promove e incentiva a ajuda mútua entre fiéis. Seguindo uma linha de análise semelhante, através de um trabalho de campo com migrantes venezuelanos em Roraima e no Amazonas, Vasconcelos (2022) argumenta que a religiosidade desperta a solidariedade fundamentada no espírito de fraternidade e na reciprocidade decorrente do compartilhamento da mesma fé.

## **I.2 - Atuação da Igreja de Jesus Cristo no acolhimento de migrantes venezuelanos no Brasil**

Como apontado na introdução, a elaboração deste trabalho é resultado da análise dos dados coletados através de uma pesquisa de campo com migrantes venezuelanos interiorizados em uma cidade média do estado de São Paulo pela IJC. O objetivo inicial do trabalho de campo era traçar um panorama geral da atuação da IJC no fluxo migratório de venezuelanos no Brasil: suas motivações, critérios de interiorização, possíveis conflitos e a inserção no local receptor dentro deste processo. A hipótese era que a atuação humanitária poderia agir enquanto uma tática de conversão religiosa e que o não acompanhamento estatal da vida dos migrantes pós interiorização poderia gerar conflitos entre membros locais e migrantes venezuelanos interiorizados.

As entrevistas e observações realizadas evidenciaram que o programa de interiorização de migrantes venezuelanos e as ações de acolhimento realizadas pela IJC são um reflexo da combinação entre a estrutura institucional da Igreja e o engajamento ativo dos fiéis. A Igreja de Jesus Cristo é organizada internacionalmente de maneira hierárquica, tendo como seu polo central a figura do profeta, também chamado de presidente, responsável por receber revelações divinas. O quórum da liderança mundial reside nos Estados Unidos e é composto por doze apóstolos e o profeta que representam em conjunto o corpo presidencial. A Igreja local se estrutura em estacas (análogas às dioceses na igreja católica), lideradas por um presidente e seus conselheiros. Por sua vez, as estacas agrupam unidades da igreja local nomeadas de "alas" cada qual liderada por um bispo (análogos aos párocos na igreja católica) que também possui seus conselheiros. Já no cenário nacional, o conglomerado de estacas se organiza em presidência da área ou país que está subordinada à presidência mundial.

Todos os homens presentes na liderança da IJC são convocados para cargos internos, funções específicas ou até mesmo missões institucionais através de "chamados divinos". A dedicação aos chamados e uma boa execução dos mesmos é vista por outros membros enquanto uma expressão prática de sua fé. Aqueles que receberam os chamados possuem grande autonomia na execução de suas funções, o que aumenta a eficiência na realização das tarefas.

A religiosidade desperta uma solidariedade intrínseca ao espírito de fraternidade e pertencimento a um grupo que, por sua vez, decorre do compartilhamento da fé e valores

(Vasconcelos, 2022). Considerado como a realização de um trabalho sacro, fiéis da IJC se engajam em trabalhos voluntários e de caridade estimulados pela própria comunidade e liderança local. Nesse sentido, o estímulo ao envolvimento ativo dos membros em ações de cunho social consolida o sentimento de solidariedade e fraternidade uns com os outros. Historicamente, enquanto instituição, a Igreja de Jesus Cristo possui um vasto repertório de realizações de trabalho humanitário direcionado para a comunidade externa (Ostler e Burns, 2016). Tais atividades são sustentadas exclusivamente pelos recursos advindos dos membros e do trabalho voluntário dos mesmos. Os recursos financeiros da Igreja provêm de dois fundos: o fundo do dízimo, considerado pelos fiéis como uma obrigação, e o fundo de jejum, uma contribuição voluntária dos membros que resulta de um jejum de sacrifício.

O jejum é uma das coisas que você pode ofertar a Deus como um sacrifício para ele te abençoar de alguma forma, ou para você agradecer uma bênção recebida. E é feito assim: você se abstém de alimento e líquido por 24 horas, por duas refeições, e o dinheiro que você gastaria com essas refeições você doa, contribui para igreja. E esse programa específico do jejum, os recursos desse fundo, são exclusivamente para ajudar os pobres e necessitados. O dízimo é outro fundo e é utilizado para a proclamação do evangelho pelo mundo, que é a manutenção dos missionários, construção de capelas, de templos, como o de São Paulo. (João, liderança local da IJC, interior de São Paulo, nov. 2019).

No trabalho de caridade, os recursos são distribuídos desde a sede da igreja, mas a decisão sobre a sua aplicação parte da liderança local o que exige constante manutenção de laços entre os membros na congregação:

Os recursos são arrecadados aqui, depositados numa conta, e são geridos pela sede da igreja. Tem lá uma família que o marido ficou desempregado, dali algum tempo ele passa a encontrar dificuldades, então ele vai chegar no líder da igreja, na ala onde tem o bispo, conversar com o bispo e explicar a situação. Ele vai explicar o que ele está passando, e o bispo aciona a ajuda. Ele vai acionar de que forma? Ele vai comprar alimentos e fornecer para aquela família, e ele manda os papéis para o reembolso, e aí a igreja reembolsa sem nenhum problema. A unidade local não tem acesso ao dinheiro físico, mas não há impedimento nenhum na hora de ajudar, por exemplo. (João, liderança local da IJC, interior de São Paulo, nov. 2019).

Em Roraima, a IJC iniciou os trabalhos com venezuelanos ainda em 2016, conforme o depoimento de um membro da Igreja em Boa Vista que compõe a liderança da estaca:

Nós fomos começando a organizar porque começou a chegar uma família, duas famílias, três, aí já acendeu a luzinha laranja: “Opa! Alguma coisa está errada na Venezuela!”. E nós fomos conversar com os membros da igreja: “Como está a situação?” “A situação está assim e vai chegar gente aí”. Só que a igreja não disparou nenhum comunicado dizendo: “Venham para o Brasil!” Porque a igreja não incentiva ninguém a sair do país para migrar para outro. Eles chegavam e quando chegavam na fronteira em Pacaraima, a gente de lá já contatava com eles para saber quem era membro e quem não era e aí começamos a ajudar. Tínhamos aqui como que cento e cinquenta casas alugadas. Ou seja, cento e cinquenta famílias (Matheus, liderança da IJC, Boa Vista, fev. 2022).

Com a fala de Matheus é possível observar que Igreja de Jesus Cristo iniciou a ação humanitária no Brasil voltada para migrantes venezuelanos através de uma demanda que os apareceu, visto que membros venezuelanos da comunidade religiosa chegavam no país buscando a congregação local como via de acolhimento. Nesse sentido, o programa de interiorização de migrantes venezuelanos realizado pela IJC não se constituiu enquanto uma estratégia prévia de conversão religiosa. Na realidade, tratava-se até aquele momento de um programa exclusivo para indivíduos que já eram membros da igreja na Venezuela e que desejavam mudar de país, portanto, o programa se fixou como uma ajuda humanitária para um público alvo específico e bem delimitado.

As ações, num primeiro momento, destinadas exclusivamente para membros eram controladas com a ajuda do cadastro unificado planetário dos membros que permitia verificar se o indivíduo pertencia efetivamente à instituição e comunidade religiosa. Apesar da não divulgação formal de suas atividades na fronteira para fiéis da Venezuela, as notícias em relação ao acolhimento em Roraima se espalharam entre as famílias. De acordo com o entrevistado, de 46 anos, Carlos, originário do Estado de Zulia, “Foi muito divulgado em toda a Igreja da Venezuela, da região da Venezuela. Aqui no Brasil há pessoas de todas as regiões da Venezuela... muita gente. A gente se espalhou por todo o Brasil. Tudo isto com este programa da Igreja por Martins” (Carlos, interior de São Paulo, dez. 2021).

Todos os interlocutores da pesquisa ficaram sabendo sobre o programa da Igreja no Brasil por meio de outros membros de sua congregação. A possibilidade de contar com o apoio da rede internacional da Igreja foi, para alguns, um fator decisivo no momento de

escolha do país de destino, levando, conseqüentemente, ao aumento do fluxo migratório de membros e da procura por ajuda. Por conseguinte, a estaca local não conseguiu acolher todos os migrantes que lá chegavam, assim, passaram a mobilizar a liderança nacional para que houvesse um parecer e uma ajuda institucional à causa.

Dessa maneira, se consolidou o programa de interiorização da IJC organizado pelas lideranças das igrejas locais espalhadas pelo Brasil em parceria com Carlos Wizard Martin, empresário, executivo e também membro da igreja. O empresário paulista foi para Roraima com sua esposa, após ser designado pela liderança nacional da Igreja por meio de seu "chamado", para coordenar e organizar as ações da estaca local no processo de abrigamento, documentação e interiorização dos migrantes. Logo após seu envolvimento, o programa se nacionalizou e ficou conhecido na mídia brasileira; e, desde de abril de 2018 até meados de 2019 o projeto foi responsável por 25% das interiorizações de venezuelanos realizadas pela Operação Acolhida (G1, 2019). A instalação e estabelecimento da O.A. em Roraima coincidiu com a chegada do casal missionário na cidade, o que resultou na atuação paralela da Igreja com o fluxo organizado pela O.A. De acordo com os interlocutores da pesquisa, apesar de não existir uma parceria formal entre ambas, havia sim uma intensa colaboração no "nível de rua".

Segundo uma matéria jornalística do G1 (2019), o programa da Igreja ajudava os migrantes a saírem de Roraima, por meio de viagens realizadas em voos comerciais e sem nenhum custo para as famílias venezuelanas, dado um acordo com companhias aéreas como Latam, Azul e Gol, em que assentos desocupados são destinados aos migrantes. Havia, portanto, uma equipe de apoio que ficava responsável pelo acolhimento inicial e por levar as famílias até o aeroporto (G1,2019). O missionário Carlos Wizard, também citado na matéria por seu destaque e esforços nas ações, gozando de autonomia para cumprir os objetivos de seu chamado, mobilizou sua rede empresarial igualmente ligada à IJC e seus recursos próprios para ordenar o processo de atendimento dos migrantes na instituição. As entrevistas evidenciaram que a empresa aérea Azul, cujo proprietário é membro da Igreja, foi uma das principais contribuidoras da causa ao ceder assentos vagos em voos comerciais da companhia para transportar os migrantes de Roraima a outras cidades no Brasil, confirmando parte do que fora descrito pelo G1(2019).

O processo de atendimento para membros da IJC funcionava da seguinte maneira: após atravessarem a fronteira em Pacaraima, deveriam procurar algum membro da Igreja encarregado de receber os migrantes que informariam a liderança local em Boa Vista para que fosse organizado um traslado à capital com recursos da congregação. A comunidade de

fiéis na capital do estado de Roraima era responsável por abrigar os migrantes venezuelanos recém-chegados em casas provisórias alugadas para o acolhimento dos mesmos. Além disso, também eram responsáveis por os auxiliar com a documentação necessária para a regularização de seus "status" migratório e sanitário, valendo-se da estrutura criada pela O.A. Pedro, venezuelano entrevistado originário do Estado de Zulia de 25 anos, comentou que estar acolhido nas instituições da Igreja com outros membros que partilhavam valores em comum trazia conforto e um sentimento de segurança:

Na parte onde você faz a documentação, tinha pessoas membros e não membros da igreja que ficavam ali dormindo. Só que aí é um pouco mais perigoso porque não tinha só membro da igreja então você tinha que ter cuidado mais, entendeu? A gente se sente mais em conforto com um membro da igreja que já meio conhece os costumes. Não vou falar que são perfeitos, mas você fica como que mais tranquilo. Mas é assim em todo mundo, né? Por exemplo, aqui tem ladrão, lá também tem. Então, a gente ficava meio de olho com as coisas (Pedro, interior de São Paulo, nov. 2021).

Diante de tal cenário, fica evidente que os laços sociais da comunidade religiosa não apenas proporcionam vias para o deslocamento, mas também, na perspectiva dos fiéis, oferecem um sentimento de segurança no contexto de trânsito migratório, caracterizado pela precariedade material, exposição constante aos riscos de exploração, violência e à alteridade (Hirschman, 2004).

Os missionários da Igreja em Boa Vista se responsabilizavam pelo abrigo, documentação e alimentação dos migrantes. Enquanto isso, em paralelo, tais missionários acionavam a rede nacional das igrejas locais para mapear cidades em outros estados brasileiros que estariam dispostos a receber famílias venezuelanas. Portanto, se encarregavam também da transferência dos migrantes para outros municípios brasileiros. Os venezuelanos, por sua vez, não podiam escolher o local para qual seriam interiorizados, porém, isso não significava que eram privados de qualquer agência no processo de mobilidade no país.

A gente estava tomando a decisão que iria viajar Chile, só que Chile recebeu muitos venezuelanos e eles mudaram sua política. Para poder ir precisava arrumar visto, como para os Estados Unidos, e demorava muito e tinha que ter passaporte de todos e eu tinha passaporte de todos só que o de meu filho mais velho não chegava, a gente já tinha tirado passaporte, mas não chegava e não chegou nunca. Então era difícil, não

dava para ir para Chile, aí o governo de Brasil fez um programa chamado Acolha. [...] Chegamos em Pacaraima e fizemos a documentação e tudo isto. Quando nós chegamos, nós fomos enviados para Dourados, Mato Grosso do Sul. Quando chegamos lá, o jeito estava um pouco diferente porque estava chegando a segunda família que eles recebiam, né? Nós chegamos na casa de bispo, ele nos acolheu muito bem, nos ajudou, conseguiu casa, roupas e a gente começou a trabalhar, eu e meu marido, e ficamos. Mas várias coisas, primeiro a gente não se acostumou muito com a cidade. O serviço muito puxado para muito pouco. Muito calor. Uma só igreja de nós não pode pegar todo o fardo das famílias, eu falava para Nathália [uma amiga da Venezuela interiorizada para São Carlos – *nota das autoras*] que queria ficar perto de alguém e ela me falou: “Hmm! As coisas por aqui para nós estão bem, estão bem melhores. Por que você não tenta vir para cá?”. Aí então eu pensei, né? Eu queria mudar as coisas, estava muito parado lá na parte econômica. E fizemos assim, e deu certo, né? (Helena, interior de São Paulo, dez. 2021)

A comunidade local de fiéis mobilizada pelos líderes locais como o bispo auxiliava em todo o processo desde a chegada até a conquista de um emprego no lugar de destino. Dessa maneira, se uniam para conseguirem alugar e mobiliar uma casa através de doações para os acolhidos pela comunidade, assim como, para proporcionar toda a alimentação e o transporte do aeroporto até a cidade em que passariam a residir. Em seguida, depois de todo o preparo, o núcleo de Boa Vista iniciava o traslado da família migrante o qual era realizado por etapas. A primeira constitui o trajeto de Boa Vista até o aeroporto de Manaus, onde o transporte era realizado por meio de ônibus comerciais ou do Exército brasileiro dada a colaboração com a Acolhida.

Uma vez que os migrantes não possuíam passagens próprias e dependiam, portanto, da disponibilidade de assentos vagos em voos comerciais da companhia aérea Azul, a espera no aeroporto de Manaus podia durar alguns dias. Maria, 26 anos, originária de Santa Bárbara del Zulia, contou durante a entrevista que sua irmã chegou a esperar uma semana no aeroporto com seus três filhos e seu marido até conseguir embarcar dado a não sobra de lugares disponíveis. Outro interlocutor venezuelano relatou que ficou alguns dias no aeroporto também aguardando um voo, sem recursos e auxílio, fazendo com que dependesse da eventual ajuda de funcionários do aeroporto para comer e comprar remédios para seus filhos que estavam doentes. Outra questão é que os voos raramente eram diretos ao local de destino, assim, a viagem era em sua maioria, permeada por diversas escalas e esperas no aeroporto mesmo com crianças pequenas. Ademais, apesar de não precisarem arcar com os

custos da viagem de interiorização, a viagem até a fronteira com o Brasil, isto é, a saída da Venezuela, é arcada por completo pelos próprios migrantes, o que impossibilita a vinda de alguns.

Alguns depoimentos de fiéis demonstram que os venezuelanos em trânsito eram amparados por membros da Igreja local, no entanto, outros relatos, de funcionários da OA e dos próprios migrantes, apontam que não havia assistência sistemática. De acordo com um dos coordenadores do Centro de Coordenação de Interiorização (CCI) em Boa Vista, a aglomeração de venezuelanos no aeroporto de Manaus aguardando voos da Azul tinha gerado alerta na diretoria do aeroporto.

Uma vez chegado no aeroporto de destino, os venezuelanos eram recebidos por membros da Igreja local que os transportavam para o município de instalação, onde já tinham uma casa pronta para residirem. O acolhimento local, ao contrário do processo de interiorização, dependia muito do engajamento da comunidade de fiéis e não só da liderança da Igreja. A comunidade local doava móveis para mobiliar a casa dos acolhidos, alimentos e tempo para auxiliar os recém-chegados na cidade. Eram então os próprios fiéis que auxiliavam em todo o processo de chegada e acolhimento no lugar de destino.

O auxílio destinado aos migrantes não possuía um tempo determinado para acabar, mas estipula-se que nos três primeiros a Igreja assumiria as contas e o aluguel, assim como, com a alimentação e que em seguida, eles conseguissem um emprego e pudessem “caminhar por si só”. Nesse sentido, outros membros buscavam igualmente os auxiliar neste processo através de indicações laborais em sua rede no município.

As entrevistas realizadas em Roraima evidenciaram que a partir de meados de 2018, os missionários da Igreja começaram a ajudar venezuelanos que não pertenciam à comunidade religiosa. Matheus, uma das lideranças da IJC em Boa Vista, relatou que havia uma pequena equipe composta por membros da Igreja que era liderada por Martins e circulava entre as ocupações na cidade, auxiliando na organização e transferência para abrigos oficiais da Acolhida para a interiorização. De acordo com ele, a Igreja tentou se aproximar da coordenação da O.A, mas em suas avaliações, o fluxo governamental era demorado e ineficiente:

"Sempre a gente estava lá, sempre eu ia lá com eles [na OA com os venezuelanos – comentário das autoras]. Nós chegamos até ficar uns dias lá para nos encaixar com o sistema deles, mas assim a gente perdia muito tempo. Então em um mês o Gilson estava lá dentro da Operação e eu lá fora. Ele mandou trinta e cinco pessoas, eu mandei quinhentas,



por causa do jogar no sistema, ficar esperando, aí tem a avaliação de toda a OMS, da questão da OIM, da ONU, aquela coisa toda demora muito. Não estou dizendo que é errado, eu estou dizendo que é lento, que poderia melhorar. A estrutura que eles têm é de quinhentos militares, mais as ONGs, e a gente com seis pessoas batendo ali junto lado a lado com eles, mandando até mais do que eles. É a burocracia. [...] A burocracia é uma cultura no Brasil. Uma cultura que a gente tem que acabar, essa questão de burocracia tem que acabar porque você acaba perdendo muito tempo. E como diz, tempo é dinheiro." (Matheus, liderança da IJC, Boa Vista, fev. 2022).

A fala de Matheus demonstra e evidencia desencaixes na organização de acolhimento prestado pela Igreja e oferecida pelo Estado, assim como aponta para uma racionalidade específica por trás das ações da liderança mórmon. A ineficiência apontada por Matheus está relacionada com o tempo de processamento das demandas dos migrantes, visto que, para ele, o objetivo central é tirar o maior número de pessoas da situação de rua através da alocação nos abrigos institucionais e a interiorização. Ele também reproduz uma ideia que se tornou bem comum em Roraima de que o governo estadual não tem condições de lidar com a migração, de modo que a solução é transferir os migrantes para outros locais, algo que tem sido ponto de crítica (Silva, Sampaio, 2018).

As entidades religiosas tendem a apresentar vantagens organizacionais devido à cadeia de comando definida, fundamentada em sua estrutura hierárquica eclesiástica. As igrejas se transformam em unidades de ação rápidas e eficazes por sua composição de indivíduos bem organizados e altamente engajados, visto a compatibilidade de valores morais. Porém, ao mesmo tempo, tais organizações também apresentam alta rotatividade de voluntários, ausência de critérios técnicos de seleção de equipes, de padrões mínimos de qualidade e transparência na prestação de contas, o que gera questionamentos éticos sérios quanto à sua participação no processo de governança migratória (Benson e Jacquet, 2014).

O proselitismo, ações guiadas à conversão religiosa dos atendidos, é uma característica intrínseca a ações das igrejas. O trabalho de campo, assim como em outras pesquisas (Vasconcelos, 2022), não detectou caráter proselitista no programa de interiorização e acolhimento da IJC para migrantes venezuelanos, no entanto, a ação humanitária de comunidades de fé raramente pode ser isolada da missão de doutrinação e conversão. Em regiões afetadas pelas crises humanitárias, como apontam Ostler e Burns (2016, p. 418), a Igreja de Jesus Cristo estimula seus missionários de tempo integral <sup>7</sup> a

---

<sup>7</sup> Missionários de tempo integral são membros da Igreja designados pelo chamado a se dedicar integralmente ao trabalho de pegar o Evangelho nas ruas, considerado como um dever de sacerdócio. Muitas vezes, os

prestarem ajuda humanitária periódica à comunidade em que estão inseridos, de modo que ações humanitárias e proselitistas se misturam na realidade prática. Além disso, os indivíduos acolhidos tendem a se engajar em atividades das igrejas devido ao sentimento de gratidão ou por vulnerabilidade social ligada à migração que fortalece a religiosidade (Hirschman, 2004; Vasconcelos, 2022). Segundo Lucas, um dos líderes da IJC no interior de São Paulo, os parentes dos membros venezuelanos interiorizados pela Igreja acabam muitas vezes se aproximando da congregação e se convertem. A ação humanitária, portanto, se torna é inseparável da catequização:

Tinha a família: a esposa e os filhos eram membros, e ele não era membro da Igreja. E ele foi vendo o que é a Igreja. E ele foi, através dos missionários, receber as promessas, e ele tomou a decisão de ser membro. A pessoa não pode ser pressionada a se tornar um membro da igreja, ela tem que sentir (Lucas, liderança da IJC, interior de São Paulo, nov. 2019).

Nota-se, dessa forma, que apesar da existência de irregularidades, os entrevistados contaram com o apoio da sociedade civil, especialmente de sua igreja que por sua vez, cumpre um papel importante no processo de acolhimento. Como levantado acima, organizações religiosas, em geral, atuam enquanto criadoras de um senso de comunidade e ajuda mútua entre os membros que operam como membros de uma mesma família sem esperar uma reciprocidade imediata (Hirschman, 2004).

---

missionários recebem chamados para viajar para outras cidades ou países para realizar o seu serviço missionário.

## **Capítulo II. A doutrina da autossuficiência e o trabalho precário como uma forma de inserção na sociedade de destino**

A política migratória brasileira não oferece auxílios sociais específicos destinados aos migrantes e solicitantes de asilo, neste sentido, a inserção laboral se manifesta enquanto uma peça-chave para a sobrevivência no novo lugar. Segundo Carlos Wizard, empresário, executivo e também membro missionário da Igreja, em entrevista concedida ao G1(2019), os migrantes venezuelanos interiorizados pelo programa da IJC quando saíam de Roraima nem sempre possuíam emprego garantido, no entanto, ao chegarem na nova cidade eram realocados no mercado de trabalho com apoio da comunidade de fiéis local. Dessa maneira, até a data da entrevista, o executivo afirmava que em um ou dois meses os mesmos conseguiam um trabalho com carteira assinada, para que pudessem receber todos os benefícios de um trabalhador brasileiro.

As entrevistas realizadas durante a pesquisa evidenciaram que o programa de interiorização da Igreja de Jesus Cristo previa a manutenção das famílias recebidas por, pelo menos, três meses, aos quais os migrantes eram constantemente incentivados a buscar uma fonte de renda própria. A dogmática mórmon fundamenta um ethos econômico para os membros, amparada na concepção de "autossuficiência", ressaltada no depoimento de Wizard: *“Não queremos enviar alguém para ficar dependente. Todo nosso trabalho está baseado na autossuficiência. Nós queremos dar condições para as pessoas caminharem com suas próprias pernas.”* (Carlos Wizard. G1, 2019).

De acordo com a doutrina mórmon, a autossuficiência é um mandamento divino e corresponde à capacidade de prover as necessidades de vida para si mesmo e para familiares (IJC, 2016). Como parte do pilar de propagação da fé, a Igreja incentiva sua comunidade de fiéis a se tornar autossuficiente através de cursos de capacitação com uso de materiais didáticos que, por sua vez, são produzidos na sede da Igreja nos Estados Unidos e traduzidos para o idioma específico de cada país. A apostila *"Finanças pessoais: autossuficiência"* (em inglês *Personal Finances for Self-Reliance*) traz a autossuficiência como um princípio de salvação visto que "sem autossuficiência, não podemos exercer nosso inato desejo de servir. Como alguém pode dar se não tem nada para dar?"(IJC, 2017, p.5).

Destarte, se manifesta como passo fundamental para servir a Deus, desenvolvido por meio de esforços próprios do indivíduo. Conforme os ensinamentos dos líderes mórmons, "a responsabilidade pelo bem-estar social, emocional, espiritual, físico e financeiro de cada pessoa repousa em primeiro lugar sobre ela mesma, em segundo lugar sobre sua família e em

terceiro lugar sobre a Igreja" (IJC, 2017, p. 23). A autossuficiência corresponde então à independência financeira individual e da família, e, nesta lógica, possui uma relação intrínseca com o trabalho, um dos três pilares da doutrina mórmon - Igreja/Deus, trabalho e família. Por estar diretamente relacionada com finanças, a Igreja impulsiona a poupança e condena despesas desregradadas que levam ao endividamento dos fiéis.

Diante deste cenário, a busca por um emprego tem uma importância e peso significativos, visto que, simboliza para os membros estarem um passo mais próximo de conquistar a autossuficiência e, conseqüentemente, estarem mais próximos de Deus. Com isso, a Igreja promove a criação de grupos de autossuficiência, em que encontros semanais nas estacas são realizados com o intuito de ensinar os membros passos para se tornarem mais autossuficientes.

Nós temos um líder aqui da Igreja, um chamado, que se chama especialista de autossuficiência e emprego. Ele é responsável por qualificar, quem quiser ser qualificado. Forma-se um grupo de pessoas interessadas no mesmo objetivo, e tem curso. Encontros, não é exatamente um curso. Encontros tipo coach, que vai instruir "olha, você tá indo para esse curso, mas o seu perfil de repente não dá certo, você precisa mudar", então toda essa orientação. Para o mercado de trabalho é a mesma coisa, então são vários cursos que têm que preparar as pessoas que desejarem. A Igreja desenvolveu isso nos últimos anos, de forma gratuita. Se você vai fazer um curso desse aí particular com um coach, paga bem caro, e aqui paga 10 reais pelo manual. Então esse especialista de autossuficiência também direciona as pessoas, de acordo com o perfil, para vagas. Nós temos no WhatsApp um grupo relacionado a emprego, então vem as vagas todos os dias, e ele direciona as pessoas. (Matheus, liderança da IJC, Boa Vista, fev. 2022)

Nesse sentido, como apontado acima, muitas discussões giram em torno da conquista de um trabalho melhor. Segundo o material didático disponível na apostila de um destes grupos *"Encontrar um emprego melhor: Um guia para a autossuficiência"* a fórmula para uma busca de emprego bem-sucedida seria uma combinação entre agir com fé e trabalhar arduamente e de maneira inteligente (IJC, 2016, p.2). Durante o curso, auxiliado pela orientação do Espírito, os membros aprendem como a fé seria o alicerce na procura de um novo trabalho e são convocados a trabalhar intensamente, aprendendo habilidades tidas como necessárias para procurarem de forma inteligente um novo emprego (IJC, 2016, p.2). Para a Igreja, procurar de maneira eficiente seria uma combinação entre diferentes fatores, o primeiro deles é a mobilização de parte de seu capital social: a rede de contatos prévia.

Assim, ao longo das semanas, aprendem como mobilizar a rede estabelecida, como se comportar numa entrevista com o empregador e entre outros.

Figura 1 - Caminho para um emprego melhor



(Fonte: Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. "Encontrar um emprego melhor: Um guia para a autossuficiência". 2016, p. 6)

A imagem acima foi tirada da apostila supracitada nos parágrafos anteriores e evidencia não só o caminho visto pela IJC para a conquista de um emprego melhor, mas também os tópicos que serão tratados no decorrer do curso. O material disponibilizado segue a lógica empresarial em sua estrutura dispondo das chamadas "metas de comprometimento", que são tarefas semanais para os participantes se engajarem com a temática abordada. Além disso, há também em alguns tópicos a presença de competições internas para motivar os membros nas tarefas e trabalharem arduamente ao longo do processo. Em determinado momento, ressaltam:

[...] lembre-se do conselho do Presidente Spencer W. Kimball: "O trabalho traz felicidade, autoestima e prosperidade. É o meio que conduz a todas as realizações; é o contrário da indolência. Recebemos o mandamento de trabalhar" (Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Spencer W. Kimball, 2006, p. 133). O trabalho é nobre.

A percepção moral acerca do trabalho e sua relação intrínseca com doutrinas religiosas é uma temática que diversos autores da Sociologia se debruçaram. Para Weber (2001), historicamente a concepção moral do trabalho se transforma a partir das mudanças advindas da Reforma Protestante. Dessa forma, a religião desloca seu antigo terreno de ação e converte o trabalho num indício de que o indivíduo estaria ou não no caminho para a salvação divina. O fragmento retirado da apostila da IJC(2016) demonstra a importância significativa do trabalho para a comunidade religiosa mórmon, assim como, a exaltação moral que o rodeia. Para os fiéis o trabalho é um mandamento divino que conduz a prosperidade individual, portanto, aqueles que de alguma maneira apresentam resistência ao mesmo ou se beneficiam de frutos que não provenientes do esforço próprio são vistos com maus olhos.

Os direitos sociais inseridos nesta lógica são enxergados enquanto privilégios e os membros, portanto, desestimulados a procurá-los: "Quanto maior a distância entre o doador e o receptor, mais aquele que recebe desenvolve um senso de direito de posse. O direito é um sentimento de que você merece algo sem fazer todo o necessário para obtê-lo" (IJC, 2017, p. 23). Dessa maneira, o programa de interiorização e acolhimento destinado aos migrantes venezuelanos foi organizado com o intuito de promover a rápida conquista da autossuficiência dos mesmos. As igrejas locais só conseguem receber novas famílias após as já acolhidas estarem com empregos próprios e podendo arcar com o seu custo de vida. Em razão disto, no ponto de vista dos membros da comunidade local e da liderança da Igreja, no Brasil, os venezuelanos deveriam se conformar com o rebaixamento do status laboral e, assim, aceitar qualquer oportunidade de trabalho para que, a partir disso, possam reconquistar sua independência financeira e material:

Eles são orientados quando eles chegam aqui, que eles têm que procurar sua própria autossuficiência. Então, a gente ajuda com empregos, pesquisando, orientando, montando currículo, levando e tal. E em pouco tempo, acho que dessas 30 e poucas famílias que nós temos aqui, pelo menos 25 já estão todas empregadas com carteira registrada e tudo. Um ou outro é que está fazendo bico, sabe, mas praticamente todos eles estão empregados. [...] Recebemos semana retrasada mais uma família, que já está chegando na autossuficiência, então, estamos abrindo para mais outras famílias. Então é isso, sabe, é

autossuficiência física, material, emocional, que é muito importante, espiritual. (Lucas, liderança da IJC, interior de São Paulo, nov. 2019)

As entrevistas realizadas com venezuelanos interiorizados pela IJC evidenciou que, mesmo já empregados, muitos ainda não conseguem arcar completamente com todas as despesas e custos de vida na cidade, precisando recorrer em muitos casos às igrejas locais e ao bispo. Ademais a coleta de dados demográficos, demonstrou que 80% dos entrevistados não trabalhavam com carteira assinada, logo, não possuíam seus direitos assegurados como: jornada de trabalho de oito horas, férias, auxílio desemprego, hora extra paga e entre outros. Nesse sentido, o cenário contribui para a precarização do trabalho dos migrantes e para a ausência de fiscalização estatal dos empregadores.

Fica evidente, portanto, que a concepção de autossuficiência e o comportamento econômico reproduzido por ela se inserem na racionalidade neoliberal, a qual instiga a meritocracia, o individualismo, a desvalorização dos auxílios concedidos pelo Estado e o espírito empreendedor. O espírito de empreendedorismo é reforçado com figuras de "herói global", como o caso do Steve Jobs, que atuam como fonte de inspiração e esperança diante do cenário de crescente pauperização e desigualdade socioeconômica (Ferraz e Ferraz, 2022 apud Campos e Soeiro, 2016). Todavia, a possibilidade de ascensão apesar de existir não corresponde à regra, assim, estas figuras de caráter heróico simbolizam uma exceção do que ocorre na maioria dos casos (Ferraz e Ferraz, 2022).

A Igreja, por sua vez, estimula o espírito empreendedor enquanto a via fundamental de mobilidade social ascendente, o que dialoga diretamente com a concepção da conduta individual e de si como empresa. O paralelo entre o bem-estar material e o bem-estar espiritual orienta os fiéis da IJC à "subjettivação contábil e financeira" neoliberal a subjetividade característica para o neoliberalismo (Dardot e Laval, 2016).

A dogmática da autossuficiência produz comportamentos específicos em migrantes interiorizados e acolhidos pela Igreja. Membros que relutam em aceitar empregos precarizados e buscam em contrapartida auxílios sociais do Estado são criticados pela comunidade local de fiéis. Em muitos momentos, durante o trabalho de campo e entrevistas, interlocutores brasileiros relataram sua interpretação de que a resistência por parte dos venezuelanos em determinados empregos em conjunto com a tendência de procura de auxílios do Estado se dava ao regime socialista em seu país de origem:

Ela chegou, os dois filhos, uma filha, a mãe. A gente chamou para almoçar em casa e ela começou a reforçar um pouco esse lado do governo de lá, na Venezuela. Eu falei "Eu vou ser sincero com você, eu acho que é bom você não falar porque eu sou totalmente contrário ao governo da Venezuela seja qual for que é...esse estilo de governo, né? Que quer dominar as pessoas e fazer assim, eu sou mais para o lado capitalista da coisa". Eu gosto quando você tem oportunidade, e o céu é o limite onde você vai chegar. Eu disse "Ó, aqui você vai ter muitas oportunidades", porque ela começou a perguntar se o governo ajudava com alguma coisa, se ajudava com alimentos, com gastos. E eu falei assim: "Olha, tem ajuda, mas eu acho que é errado pensar só em ajuda porque você vai ter a oportunidade de trabalhar e ganhar, você vai ter oportunidade de crescer, pensa nisso, não pensa só na ajuda porque isso vai limitar você" e aí ela ficou até meio chateada (Heitor, empresário, interior de São Paulo, fev. 2022)

Além disto, como mostrado no fragmento abaixo, a dimensão moral a respeito da maneira como os migrantes se portam em relação a trabalho e vida financeira produz conflitos implícitos e indiretos com os membros locais que defendem a ascensão social por meio da atividade laboral. Os venezuelanos, por sua vez, que não se enquadram nos preceitos e valores seguidos pela maior parte dos fiéis são vistos com maus olhos como indivíduos que, seguindo a lógica meritocrata e neoliberal, não querem "crescer na vida":

[...] Eu não gosto, sabe? "Ah! Eu trabalho para comer, eu trabalho para me vestir", eu sou meio contra isso, sabe? Você trabalha para ter uma vida melhor, você trabalha para passear, você trabalha pra ter um conforto. Então eu pego muito no pé dos venezuelanos em relação a isso porque eles são um pouco acomodados, tem alguns lá que você dá um sofazinho usado pra eles, faz dois anos que ele tá com ele, tem condições de comprar outro, mas tá com aquele sofazinho (Heitor, empresário, interior de São Paulo, fev. 2022)

Por outro lado, a incorporação de migrantes venezuelanos pela comunidade mórmon abre caminhos para a inserção laboral através da mobilização das redes de contato da Igreja. Os membros se movimentam e engajam para circularem informações sobre vagas de emprego disponíveis e, em muitos casos, até mesmo oferecem empregos para "irmãos" venezuelanos em suas próprias empresas. Porém, a distância significativa entre a qualificação profissional e a ocupação e o nível salarial oferecido no Brasil não é visto como um problema pela Igreja dentro da lógica da autossuficiência.



A quase totalidade dos interlocutores da pesquisa, no momento da realização das entrevistas e trabalho de campo, se encontravam em posições laborais inferiores à sua qualificação profissional. Ao se incorporarem ao mercado de trabalho, os migrantes descendem na escala laboral e, dessa maneira, passam a ocupar uma posição inferior em relação ao seu grau de escolaridade, especialização e experiência prévia (Cavalcanti *et al.*, 2015). A inserção laboral dos migrantes é diferencial, precarizada e flexível, mesmo fora dos contextos indocumentados (Sayad, 1998; De Genova, 2002; Mezzadra, Neilson, 2017). Notoriamente, apesar da situação de regularidade migratória, os trabalhadores migrantes estão sujeitos à precarização das condições de trabalho, à má remuneração se comparada a qualificação e experiência e, por fim, à violação de direitos trabalhistas.

Diante do cenário apresentado acima, fica evidente a presença de uma divisão simbólica entre “lugar do migrante” e o “lugar do nativo”, restando ao primeiro, na maior parte dos casos, trabalhos braçais, mal remunerados e sem direitos trabalhistas assegurados. Dessa maneira, a incorporação laboral dos imigrantes no Brasil segue o padrão da incorporação vista em países com tradição forte de recepção de fluxos migratórios (Cavalcanti, 2015). Segundo Cavalcanti (2015), em sua maioria, os migrantes possuem formação no ensino superior completa, no entanto, ao tentarem se incorporar ao mercado de trabalho descendem na escala laboral e, assim, passam a ocupar uma posição inferior em relação ao seu grau de escolaridade, especialização e experiência prévia.

A análise dos dados demográficos, presente na Tabela 2 abaixo, elucida uma diferença significativa entre a ocupação dos migrantes na Venezuela e a ocupação no Brasil

Quadro 2 - Escolaridade e ocupação no Brasil e na Venezuela

<b>Gênero</b>	<b>Idade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Ocupação na Venezuela</b>	<b>Ocupação no Brasil</b>
M	25	2 anos	Técnico em Enfermagem	Realiza bicos de todos os tipos (atualmente numa pizzaria)
M	46	2 anos	Supervisor de Segurança	Trabalha numa fábrica
F	42	2 anos	Dona de casa e dava aula para crianças	Diarista
F	42	2 anos	Professora de pré-escola e trabalhou no “Conselho	Realiza bicos de costureira

			tutelar”	
M	62	3 anos	Contador e presidente da Escola Superior de Contabilidade	Trabalha num escritório com contabilidade com carteira assinada
F	39	3 anos	Professora e diretora de uma escola	Costureira terceirizada; dona de casa e vende doces
M	29	4 anos	Operador de caixa	Auxiliar de frente de caixa num mercado
F	28	4 anos	Atendente de loja; babá e estudante (trabalhava no período de férias)	Desempregada- trabalhava como costureira terceirizada antes
F	26	9 meses	Cabeleireira	Costureira terceirizada
M	44	5 meses	Contador público- trabalhou num escritório farmacêutico	Auxiliar de cozinha num restaurante

Fonte: Elaboração própria

Alguns casos chamam a atenção, como o de Arthur, de Ciudad Bolívar, com 62 de idade e cerca de quarenta anos de experiência em sua área de formação, assim que chegou na cidade de destino, conseguiu um emprego sem carteira assinada que lhe pagava um salário mínimo. Durante a entrevista, ele reforçou que só havia conseguido o trabalho pelo seu currículo, porém, o contratante havia dito que não poderia lhe pagar um salário compatível com seu grau de experiência na área. Diante de sua situação, Arthur não teve escolha senão aceitar a oferta e começar a trabalhar. Hoje, trabalha em outro escritório em que possui carteira assinada e uma remuneração mais alta, todavia, ainda não compatível com seu histórico profissional.

Outro caso que expressa a vulnerabilidade em que trabalhadores migrantes se inserem é o de Valentina, 28 anos, de Isla de Margarita. Na Venezuela, estava no sétimo semestre de Engenharia Industrial e por isso, trabalhava apenas no período das férias. Quando chegou na nova cidade, ainda sem terminar o curso superior, conseguiu um emprego como costureira terceirizada numa fábrica de aventais cirúrgicos e trabalhou lá desde então até o momento que engravidou e foi dispensada pelos contratantes.

Se para os líderes da Igreja a autossuficiência simboliza a conquista da independência material e espiritual como fruto do esforço próprio e o caminho para a prosperidade, no ponto de vista dos migrantes ser autossuficiente significa, acima de tudo, romper com a dependência material da Igreja, seja por meio do trabalho ou de auxílios sociais. O trabalho de campo realizado evidenciou que auxílios governamentais durante a pandemia, como o Auxílio Emergencial disponibilizado pelo governo brasileiro, não eram vistos pelos migrantes como privilégios não merecidos tal qual prega a doutrina mórmon. Embora fiéis à ideia de autossuficiência, eles não percebiam como algo condenável em termos morais recorrer aos auxílios sociais do Estado e da sociedade civil.

Pelo contrário, os auxílios eram procurados e possibilitavam uma maior independência financeira para as famílias que os recebiam, uma vez que, de maneira geral, os migrantes entrevistados se encontravam em empregos precários, informais e flexíveis, portanto, não conseguiam se emancipar por completo da ajuda da Igreja. O relato abaixo de Helena revela como os migrantes navegam entre variadas fontes de renda para atingirem aquilo que entendem como autossuficiência:

É um processo, a gente já está acostumado a, sabe, ser autossuficiente, a gente não fica com a mão estendida pedindo para a Igreja. Pelo contrário, a gente sempre consegue um jeito, então eu consegui uma cesta pela prefeitura, às vezes meu marido conhece pessoas que sabem onde podem fazer doações de cestas de comidas e é assim que a gente se ajuda, né? E eu faço algumas coisas, essas almofadas. E vendo. Estamos correndo atrás para conseguir nossos gastos. Não é fácil! A gente perdeu o auxílio [Auxílio Emergencial - comentário da autora], porque o auxílio acabou, cento e cinquenta reais e agora já não temos mais (Helena, 42 anos, interior de São Paulo, dez. 2021)

Ficou claro ao longo das entrevistas que a não emancipação levava a conflitos internos com a comunidade religiosa local que não via com bons olhos o fato, conseqüentemente, os próprios migrantes sentiam vergonha por não conquistarem sua independência financeira:

[...] eu sei de muitas histórias de venezuelanos que faz um ano, dois anos que tá aqui e até hoje a Igreja precisa ajudar, entendeu? Todo mês tem que mandar comida, tem que mandar aluguel, eu fico triste porque essas pessoas mudaram de país, mas não mudaram o perfil de vida, sabe? E elas estão vivendo

como se tivesse vivendo na Venezuela, ajuda é que aqui não falta, lá faltava, mas vive mais de ajudas. Eu acho errado viver assim, se eu fosse bispo dessas pessoas eu falaria “Ah! Você tem que ser independente” que nem é isso que a igreja ensina a gente: ajuda até a pessoa se estabelecer, ter um trabalho e ser independente pra que ela possa se tornar uma pessoa no futuro que possa ajudar outra pessoa. Não ela ficar nesse estado de estar sempre recebendo ajuda, entendeu? (Heitor, empresário, interior de São Paulo, fev. 2022)

Com isso, os interlocutores da pesquisa tendiam a aceitar empregos precários e intermitentes não apenas por falta de opção, mas também como uma estratégia para alcançar a emancipação material da Igreja. No entanto, muitos relataram a esperança em poder exercer no futuro sua "real" profissão após aprimorarem o português e conseguirem reconhecer os diplomas no Brasil. Isto é muito comum no contexto migratório, no caso de venezuelanos que residem no Sul do Brasil, observa-se que a barreira linguística e os entraves na revalidação dos diplomas constituem as razões principais que dificultam a correspondência do emprego atual à qualificação profissional dos migrantes (Silva e Bento, 2021).

A centralidade da doutrina da autossuficiência na religiosidade mórmon acarreta no oferecimento de um capital social prévio e inicial partido da Igreja para que os migrantes consigam se inserir no mercado de trabalho local. O capital social ao qual têm acesso vai além das oficinas de formação e os ensinamentos sobre independência financeira, visto que, é a inserção na comunidade religiosa que concede rede de contatos e informações necessárias para localizar uma nova fonte de renda.

A comunhão de fé e os ensinamentos dogmáticos materializam o sentimento de fraternidade acima das diferenças linguísticas, nacionais e étnicas, assim, a comunidade religiosa em que se inserem é também percebida pelos migrantes enquanto fonte de segurança e referência em casos de desconhecimento de seus direitos no Brasil. Por outro prisma, a proximidade da doutrina mórmon com a racionalidade neoliberal ratifica o local precário destinado a trabalhadores migrantes no capitalismo flexível. Sob justificativa do empreendedorismo a flexibilização do trabalho é promovida, tida como uma liberação do potencial do indivíduo em atingir sua prosperidade. "Penso que é uma escolha pessoal e cada um deve decidir, em algum momento, se prefere ter uma vida de comodidade, prosperidade e liberdade financeira ou uma vida de privação", escreve na Introdução de seu livro *Despierta el millónario que hay en ti* Carlos Wizard Martins (2012, p. 25).

No trabalho de campo realizado foi percebido que quando as famílias venezuelanas começaram a chegar na cidade de destino pelo programa de interiorização da IJC, membros brasileiros da Igreja local se uniram para ajudá-los a encontrar uma atividade laboral. Heitor, proprietário de fábricas de material hospitalar, ofereceu trabalhos para diversos migrantes recém-chegados. A justificativa da oferta de Heitor se fundamentou na fraternidade e no sentimento de dever auxiliar outros irmãos durante momentos de dificuldade. Ele afirmou não fazer diferenciação entre seus funcionários em função de sua origem e que sempre instruiu os venezuelanos que o buscavam para saber direitos trabalhistas visto que "a mão de obra não tem nacionalidade". No entanto, reconheceu o cenário: "Acho que tem preconceito: às vezes as pessoas querem que trabalhem por menos do que é o justo porque eles vieram de fora. [...] E eu sempre tento ajudar eles nesse sentido, dar informações corretas, para que eles não sejam enganados por aí" (Heitor, empresário, interior de São Paulo, fev. 2022).

Por outro lado, o trabalho oferecido pelo mesmo aos migrantes em sua fábrica não levava em consideração a formação e a qualificação profissionais prévia que já possuíam, além disso, não era regulamentado com carteira assinada para a maioria deles:

O que que eu falava para eles: "O que eu tenho é essa oportunidade aqui de costurar, eu sei que às vezes não tem nada a ver com o que você fazia lá, mas dá pra ganhar tanto, te interessa?". E sempre foi assim por produção, é o trabalho autônomo, né? Na casa deles...você ganha, se não produzir nada, eu não tenho nada para pagar. Sempre fui muito transparente, mas sempre deu muito certo, sabe? Com relação a trabalho assim um ou outro que deu mais trabalho para se adaptar, que era mais: "Ah! Eu preciso mais de ajuda...ah! vocês precisam mais me ajudar", mas a maioria não. A maioria pegava e trabalhava, sabe? (Heitor, empresário, interior de São Paulo, fev. 2022)

O emprego se resumia em costurar materiais hospitalares descartáveis, era pago por peça costurada e realizado na própria residência do migrante. A máquina de costura necessária para atividade laboral era doada pela Igreja ou pelo próprio empresário, com a expectativa que, em seguida, os migrantes conseguiriam adquirir outras máquinas e materiais com recursos próprios poupados ao longo dos meses. Heitor afirmou também que enxergava o trabalho de costura enquanto uma oportunidade para os venezuelanos no Brasil: "Eles queriam trabalhar dentro de casa, quietinhos, ninguém perturbando, ninguém perguntando...eles faziam os horários deles" (Heitor, empresário, interior de São Paulo, fev.

2022). Laura, 26 anos, originário de Santa Bárbara del Zulia, foi uma das entrevistadas e confirmou que não precisar sair de casa para trabalhar a segurava na costura, embora não gostasse da ocupação que aprendeu já no Brasil por necessidade. Para ela, a costura era uma atividade laboral fisicamente cansativa e exigente, dado que, o pagamento era realizado mediante as peças produzidas, fator que demandava muitas horas dedicadas ao trabalho para conseguir uma renda suficiente para cobrir as despesas mensais com a casa.

Do ponto de vista de Heitor, a ausência de direitos trabalhistas e previdenciários não se constituía como uma problemática e a liberdade do trabalhador era destacada como incentivo ao espírito empreendedor. Sua fala foi atravessada pela oposição clara entre o tipo de migrante que tem o "desejo de trabalhar e progredir" e aquele que é "acomodado". O primeiro receberia incentivos para conseguir "prosperar" enquanto que ao segundo caberia a caridade: "Quem gosta desse tipo de incentivo eu vou dando, sabe? Eu dou corda para eles crescerem, agora quem não eu dou o trabalho, mas não faz muito meu perfil. Eu não gosto de pessoas muito acomodadas, não" (Heitor, empresário, interior de São Paulo, fev. 2022). O emprego oferecido pelo empresário seria não somente uma fonte de renda para os recém-chegados, mas também, em sua visão, um caminho de disciplina mórmon.

Diante deste cenário, as ocupações atomizadas e isoladas (oficinas de costura montadas em residências próprias e privadas), informais e intermitentes não possibilitam a acumulação de capital social após a inserção laboral inicial, necessária para o encontro de trabalhos mais estáveis e fora do círculo da Igreja. A oficinas de capacitação ofertadas pela IJC é uma orientação de caminhos profissionais mais do que uma capacitação ou profissionalização propriamente dita, e, portanto, não ajuda o migrante a sair do ciclo vicioso de precariedade.

Alguns migrantes, como Carlos, 46 anos, do Estado de Zulia, que conseguiram se inserir em trabalhos formais parecem ter conquistado redes sociais externas à comunidade religiosa a qual fazem parte, que por sua vez, permite a vivência de novas oportunidades, contatos e informações. No caso de Carlos, ele conseguiu um emprego como funcionário terceirizado numa fábrica de uma empresa multinacional por indicação de um membro da Igreja. Logo após oito meses, a empresa o contratou formalmente, porém, suspenderam a contratação com o início da pandemia. Ao longo do período pandêmico, ele efetuou diários no setor do comércio, no entanto, no final da pandemia recebeu uma ligação de seu antigo empregador que o chamou de volta e ofereceu novamente um contrato formalizado. Segundo Carlos, trabalhar na fábrica o ajudou a fazer muitos novos amigos: "Fiz muitos amigos lá, eles sempre ajudaram a gente. Ajudaram com comida, com tudo. "Oh, Carlos, como você

está? Está precisando de alguma coisa?”. E sempre...sempre. Não foi fácil, mas, quando voltei para a fábrica, todo mundo: “Carlos! Carlos!” (Carlos, São Carlos, dez. 2021).

## Conclusões

O envolvimento de comunidades religiosas das mais variadas denominações cristãs no processo de acolhimento e incorporação de refugiados e migrantes sustentado por valores de caridade se constitui enquanto fenômeno tradicional no campo migratório. A junção da alta motivação de fiéis com a estrutura bem-organizada e delimitada das Igrejas resulta na capacidade institucional das mesmas de agir com rapidez em contextos de crises humanitárias. Dessa maneira, em 2015 antes da consolidação da Operação Acolhida, as Igrejas foram as primeiras instituições da sociedade civil a irem até Roraima com o intuito de apoiar e acolher a população migrante venezuelana.

A partir de 2018, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, organização religiosa transnacional, passou a se envolver ativamente no processo de acolhimento de migrantes e refugiados da Venezuela em Roraima. Num primeiro momento, suas ações e esforços estavam voltados à demanda de acolhimento de membros da Igreja, porém, logo suas atividades passaram a se direcionar para migrantes não membros também. Dotando de uma estrutura fixa e capilarizada em todos os estados brasileiros e de uma comunidade de fiéis engajada, a IJC foi responsável pela transferência de diversos migrantes que estavam no Norte do Brasil para outros municípios brasileiros, sobretudo no Sul e Sudeste.

O trabalho de campo realizado por mim com membros da IJC evidenciou que a ação coordenada pela comunidade de fiéis foi essencial para a mobilização de recursos (econômicos e humanos) para o estabelecimento de redes fundamentais de incorporação primária dos venezuelanos. Assim, a incorporação prévia na comunidade religiosa mórmon proporcionou uma via efetiva para os migrantes recém-chegados se inserirem no local de destino, uma vez que, dotaram de um capital social acumulado e necessário no processo de instalação, regularização e inserção laboral.

A pesquisa também revelou sérias limitações e problemáticas acerca das organizações religiosas como via de incorporação na nova sociedade para migrantes recém-chegados. No caso estudado, a participação dos interlocutores venezuelanos na comunidade mórmon, apesar de proporcionar o capital social para se inserirem inicialmente no mercado de trabalho, também os incentivou através da doutrina da "autossuficiência" a adesão à racionalidade neoliberal. Caracterizada por prezar pela prosperidade material por meio da lógica empreendedora, a racionalidade neoliberal por trás da autossuficiência no cenário migratório



omite a precarização do trabalho à qual os membros venezuelanos se sujeitam em razão de limitações linguísticas e da dificuldade de reconhecer os diplomas no Brasil.

Estudos como o de Ferreira e Santana (2021) confirmam que, para além do idioma, a não familiaridade com as leis trabalhistas brasileiras se consolida como a principal barreira encontrada pelos migrantes na inserção laboral digna. Nessa conjuntura, as normas que objetivam a proteção do trabalhador, ao não serem conhecidas pelos migrantes, não obtêm êxito no seu papel, abrindo brechas para o descumprimento de leis por parte dos empregadores (Ferreira e Santana, 2021).

Em sua pesquisa, os autores supracitados elucidam que muitos venezuelanos que participaram do programa de interiorização do Governo Federal ficaram à mercê da sorte de encontrarem um emprego, dado que, o Estado não buscou implementar políticas públicas que visassem a conscientização dos empregadores. Consequentemente, a sociedade civil, mais uma vez, ganha destaque diante deste cenário, em especial as universidades e as entidades religiosas (Ferreira e Santana, 2021). No entanto, mesmo com o apoio destes dois grupos, ainda é preciso empenhar esforços para que os mecanismos jurídicos de proteção aos migrantes sejam difundidos (Ferreira e Santana, 2021).

Segundo Ferreira e Santana (2021), a dificuldade na compreensão dos direitos seria, portanto, um fator preponderante para a ocorrência de irregularidades empregatícias que é agravado com práticas discriminatórias e xenofóbicas ainda muito presentes no cotidiano. Ficou evidente com os depoimentos coletados que a desvalorização da mão de obra estrangeira acaba afetando de maneira direta a busca por empregos que possam proporcionar plenas condições de sustento e inserção social no Brasil. A maior parte dos entrevistados em minha pesquisa se encontravam em situações laborais precárias e de extrema vulnerabilidade, seja pela ausência de contratos formais seja pela não compatibilidade de salário com sua qualificação profissional.

A ausência de carteira assinada, o trabalho físico dependente do corpo e o pagamento mediante a produção, os deixa à própria sorte de que nenhum imprevisto acontecerá e, caso ocorra, são obrigados a buscar outros meios de subsistência, muitas vezes atrelados à caridade de terceiros. Desta forma, entende-se que a comunidade religiosa mórmon, apesar de fundamental na manutenção material prévia dos recém-chegados com o oferecimento de moradia, alimentação e auxílio inicial para a inserção no mercado de trabalho, não se engaja ativamente na promoção ou formação profissional de migrantes para além dos grupos de autossuficiência. Isso porque, em sua doutrina, o indivíduo é o único responsável pelo seu

sucesso material e espiritual, portanto, o papel da Igreja não ultrapassa as barreiras do apoio dado aos membros em suas mobilidades sociais autônomas.

Neste sentido, a Igreja consolida um diálogo pragmático com os serviços públicos municipais no cenário de regularização migratória, educação pública e ensino de português, incentivando os migrantes a procurarem estes caminhos. Porém, em questões de caráter moral, como por exemplo, conflitos familiares ou violência doméstica, a Igreja busca se distanciar de agentes públicos, propondo resoluções dentro da comunidade de fé.

As crenças religiosas são uma forma de lidar com a vida, desempenhando um papel de consolo em relação a experiências humanas inevitáveis como a morte, o sofrimento e as perdas reforçadas no contexto migratório (Hirschman, 2004). Para Hirschman (2004), o processo de imigração pode ser traumático, dado que, além de se tornarem “estranhos” na nova sociedade, os migrantes ainda lidam com a perda de tudo que lhes eram familiar. Por conseguinte, se deparam com muitas questões relacionadas a sua identidade, possuindo, assim, grandes necessidades psicológicas e sociais (Hirschman, 2004). Nesse sentido, a igreja surge como uma forma de reafirmarem suas crenças e identidades, dando novos significados às experiências (Hirschman, 2004).

Além disso, organizações religiosas, em geral, atuam enquanto criadoras de um senso de comunidade e ajuda mútua entre os membros que operam como membros de uma mesma família sem esperar uma reciprocidade imediata (Hirschman, 2004). Este fator, no cenário em que migrantes estão inseridos, proporciona a criação de um senso de pertencimento que auxilia na construção de novos laços, assim como, em sua incorporação social. Em vista disso, embora exista a dimensão material do acolhimento prestado por entidades e organizações religiosas, as mesmas são igualmente importantes no âmbito do acolhimento psicossocial dos recém-chegados.

Diante deste cenário, o estudo que deu origem a esta monografia demonstrou que a interiorização dirigida por diversos agentes institucionais ancora mobilidades espontâneas dos venezuelanos no Brasil. A análise do caso da Igreja de Jesus Cristo em uma cidade média no interior do Estado de São Paulo demonstrou a importância da sociedade civil no processo de recepção de migrantes internacionais em cidades pequenas e médias, dado que, na maioria das vezes, as mesmas não se engajam e nem oferecem uma estrutura pública de acolhimento. Com isto, a dispersão administrada de venezuelanos em locais até então desconhecidos e pouco chamativos para migrantes impõe desafios significativos aos poderes públicos municipais brasileiros no processo de acolher, assegurar e preservar os direitos humanos dos migrantes.

Em trajetórias invisibilizadas sob a ótica do Estado, os sujeitos acionam suas redes migratórias com o intuito de adequar seus projetos de mobilidade conforme o leque de possibilidades disponibilizadas por agentes sociais que se engajam no acolhimento como as Igrejas. Ainda que fiquem claras as limitações e problemáticas disto, conclui-se que a Igreja de Jesus Cristo desempenhou um papel fundamental no processo de recepção e interiorização de migrantes venezuelanos no Brasil, operando como um pilar essencial na vida dos venezuelanos entrevistados, que ao serem questionados sobre o que ela simbolizava responderam com unanimidade: “Tudo!”.

## **Anexos**

### **Roteiro de entrevista com profissionais de organizações da sociedade civil**

Explicar: estamos entrevistando trabalhadores das organizações que promovem a interiorização em Roraima para compreender como são formados os grupos de migrantes que chegam no estado de SP, o local do nosso interesse. Para compreender isso, é indispensável ver como se dá a seleção e o incentivo aos migrantes em RR, assim como quais são os critérios para a interiorização e modos de atrair as pessoas para essa política.

1-Poderia contar brevemente sobre a sua organização?

- Como se iniciou o trabalho com os venezuelanos?
- Quais são as ações desenvolvidas para os venezuelanos hoje?

Vínculo com a Operação Acolhida:

- a. (se sim): Como e quando começou esse vínculo? Vocês recebem algum apoio logístico/financeiro?
  - b. (se não): Já buscou uma articulação com eles?
- Há alguma cooperação com os demais entes federativos (Estadual e Federal) no sentido de promover o acolhimento a esses migrantes?

**Bloco sobre a interiorização:**

- 4- Como é estruturado o programa de interiorização em sua instituição?
  - Quem pode ser interiorizado?
  - Quem não pode ser interiorizado?
  - Como as pessoas ficam sabendo sobre a interiorização?
  - Quais etapas devem ser cumpridas antes de embarcar as pessoas?
- 5- Modelos de gestão nasceram espontaneamente? Por exemplo, o esquema de patrocínio de 3 meses.
- 6- Existe um monitoramento dos interiorizados no local de destino? Como é feito? Por quanto tempo?
- 7- Como você avalia, há hoje no Brasil cidades que atraem mais os venezuelanos e outros que atraem menos? Por quê?
- 8- Como a interiorização de sua organização se articula com o programa de interiorização da Operação Acolhida?
- 9- Há algo que, na sua opinião, precisa ser ajustado no processo de interiorização?
- 10- De que maneira as comunidades locais se envolveram no acolhimento deles?
  - a) Quais os aspectos positivos que o programa de interiorização trouxe para as comunidades locais? (aspectos econômicos e sociais)
  - b) Quais os aspectos negativos?
  - c) De que forma você acha que o programa de interiorização poderia beneficiar mais as comunidades locais?

### Roteiro de entrevista com imigrantes venezuelanos em São Carlos

<b>Tema</b>	<b>Perguntas</b>
<b>Chegada ao Brasil</b>	<p>1.Me conte, por favor, como você chegou a São Carlos?</p> <ul style="list-style-type: none"><li>- Como você tomou a decisão (te motivou) a vir para o Brasil?</li><li>- Como e onde atravessou a fronteira?</li><li>- O que aconteceu depois que você entrou no Brasil?</li><li>- [se os mórmons aparecerem aqui: pedir para explicar a relação prévia com eles e para descrever qual foi procedimento para receber ajuda da igreja] - documentos solicitados, qual documento</li></ul>

	<p>brasileiro vc recebeu na fronteira, onde você recebe o documentos</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- se passou por algum centro de acolhida na fronteira ou não - onde você morou na fronteira?</li> </ul>
<p><b>Interiorização</b></p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Porque você decidiu sair da fronteira? <ul style="list-style-type: none"> <li>- Como você chegou aqui em São Carlos? direto para São Carlos?</li> <li>- Quem pagou a passagem? (avião do exército? igreja? familiares?)</li> <li>- O que você já sabia sobre São Carlos?</li> <li>- Se sim, qual fonte?</li> <li>- [a sua vida aqui se parece ou é diferente do que vc imaginava? Por que? Em quais aspectos?]</li> <li>- [o que te motivou a escolher S Carlos?]</li> <li>- Tem amigos/parentes/conhecidos morando no estado de São Paulo? Isso influenciou a sua decisão de aceitar morar aqui?</li> </ul> </li> </ol>
<p><b>São Carlos</b></p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Me conte, por favor, como foram seus primeiros meses em São Carlos? <ul style="list-style-type: none"> <li>-Moradia (primeira residência, como era, quantos quartos, bairro, bairro tem tudo que você precisa, quem pagava aluguel, por quanto tempo, quem paga agora, relação com vizinhos (brasileiros/venez? Se precisar de algo, você pede para vizinho?), divide com alguém, está satisfeito com a moradia? Gostaria de comprar uma casa própria em São Carlos?)</li> <li>- documentação no primeiro</li> </ul> </li> </ol>

	<p>momento (se alguém acompanhou para ir a PF)</p> <p>- saúde (SUS, se foi rápido, se alguém precisou de atendimento e se foi recebido facilmente)</p> <p>- trabalho (onde foi trabalhar no início? Isso corresponde a sua profissão na Venezuela? Como encontrou o emprego? o que ganha é suficiente para a sua família? e esposa/esposo? mudou de emprego desde então? Você se encontra com colegas fora do horário de trabalho?)</p> <p>- fora da casa e trabalho, você frequenta quais lugares na cidade? (igreja? curso? prefeitura? bar? amigos? casa de amigos?) [localização na cidade; frequência] + explorar parte sociabilidade e territorialidade</p> <p>- como você compara a sua vida em São Carlos e a última cidade em que morou no Brasil? (fronteira/outra cidade)</p>
<b>Igreja</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- já era membro da igreja na Venez? se não: se converteu no Brasil em que momento?</li> <li>- que tipo de apoio eles deram? por quanto tempo?</li> <li>- a igreja-instituição ou a rede da igreja/comunidade?</li> <li>- continua frequentando a igreja? quantas vezes por semana?</li> <li>- Qual o significado da igreja na sua vida no Brasil?</li> </ul>
<b>Planos (explorar o retorno)</b>	Quais são os seus planos para os próximos anos?

**Tabela para coleta de dados demográficos dos migrantes venezuelanos**

<b>Nome</b>			
<b>Estado Civil</b>			
<b>Tipo de Parentesco</b>			

<b>Gênero</b>			
<b>Idade</b>			
<b>Escolaridade</b>			
<b>Cidade de Origem</b>			
<b>Ocupação na Venezuela</b>			
<b>Ocupação no Brasil</b>			
<b>Tempo de residência no Brasil</b>			
<b>Redes Sociais prévias no Brasil</b>			
<b>Redes Sociais prévias na cidade de interiorização</b>			
<b>Mobilidade de Interiorização</b>			
<b>Tipo de Documentos no Brasil</b>			

### **Roteiro de entrevista com a comunidade local na cidade de destino dos migrantes venezuelanos**

Apresentação: Estamos conversando com representantes da comunidade local que acolhe os migrantes venezuelanos interiorizados de Roraima. Sabemos que a comunidade se empenha muito em acolher essas pessoas e gostaríamos de entender quais são os modelos de acolhimento empregados e quais são os efeitos da chegada de venezuelanos na cidade.

1. Poderia me contar sobre o seu vínculo com a comunidade [inserir aqui o nome da organização] que acolhe os migrantes venezuelanos na cidade?
2. Quanto tempo a comunidade está envolvida nesse acolhimento?
3. Como se dá o acolhimento?
4. Como você pessoalmente está envolvido nisso? Quanto tempo? Como e por que se envolveu? [perguntas sobre as práticas! o que faz? como faz? Quanto tempo por semana se dedica a isso? etc]
5. O que te motiva a fazer isso?



6. O que você acha sobre esse acolhimento?
7. Existem situações difíceis nesse acolhimento? [p.e. diferença cultura, falta de compreensão entre os migrantes e a comunidade local, etc] Como os eventuais conflitos são resolvidos?
8. Quanto tempo vai continuar acolhendo? Quanto tempo deveria durar?
9. Como esse acolhimento é percebido e recebido pelos venezuelanos?
10. Qual é o papel do poder público para acolher os migrantes? Existe alguma iniciativa local pública para isso? Deveria existir?
11. Há mais alguma consideração que gostaria de fazer?

## Referências Bibliográficas

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS. “Brasil torna-se o país com maior número de refugiados venezuelanos reconhecidos na América Latina”. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2020/01/31/brasil-torna-se-o-pais-com-maior-numero-de-refugiados-venezuelanos-reconhecidos-na-america-latina/>. Acesso em: 12 de abril de 2023.

ALVAREZ, Priscilla. "ONU: Número de refugiados fugindo da Venezuela é similar ao da guerra na Ucrânia". CNN, 31 de ago. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/onu-numero-de-refugiados-fugindo-da-venezuela-e-similar-ao-da-guerra-na-ucrania/#:~:text=Existem%20cerca%20de%206%2C8,milh%C3%B5es%20de%20refugiados%20da%20Ucr%C3%A2nia>. Acesso em: 13 de abril de 2023.

ANDERSON, Bridget (2019) “New directions in migration studies: towards methodological denationalism”. *Comparative Migration Studies*, vol. 7, n. 36, pp. 1-13.

BAENINGER, Rosana et al. (orgs.) (2018) *Migrações venezuelanas*. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”, NEPO/Unicamp.

BAENINGER, Rosana (2018) “Governança das migrações: migrações dirigidas de venezuelanos e venezuelanas no Brasil”. In: Baeninger, R. et al. (orgs.) *Migrações*

venezuelanas. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó”, NEPO/Unicamp, pp. 135 – 138.

BENSON, Edward.; JAQUET, Carine (2014) “Faith-based humanitarianism in northern Myanmar”. Faith and response to displacement Special Edition. *Forced Migration Review*, vol. 48, pp. 48-50.

BESSA, Kelly Cristine (2005) "Reestruturação da rede urbana brasileira e cidades médias: O exemplo de Uberlândia (MG)". *Caminhos de Geografia*, vol. 24, n. 16, pp. 268-288.

BRANCO, M. L. C. (2066) "Cidades médias no Brasil". In: ç. (org). *Cidades médias: produção do espaço urbano regional*. 1º ed - São Paulo: Expressão Popular.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antonio Tadeu; TONHATI, Tânia (Orgs.) A Inserção dos Imigrantes no Mercado de Trabalho Brasileiro. Cadernos OBMigra, Ed. Especial, Brasília, 2015.

COGO, Denise (2014) “Haitianos no Brasil: Comunicação e interação em redes migratórias transnacionais”. *Chasqui – revista Latinoamericana de Comunicación*, n. 125, pp. 23-32.

DARDOT, Pierre.; LAVAL, Cristian (2016) *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo.

DE GENOVA, Nicholas. “Migrant ‘illegality’ and deportability in everyday life”. *Annual Review of Anthropology*, vol. 31, 2002.

DE OLIVEIRA, George Alberto Garcia. “A Utilização do Componente Militar Brasileiro Frente à Crise Migratória da Venezuela”. *Military Review*, novembro de 2018. Pp. 1-15. Disponível em: <https://www.armyupress.army.mil/Portals/7/military-review/Archives/Portuguese/Online%20Exclusives/Alberto-A-Utilizacao-do-Componente-Militar-Brasileiro-Frente-a-Crise-Migratoria-da-Venezuela-POR-OLE-Nov-2018.pdf>. Acesso em: 20 de março de 2022.

FAIST, Thomas (2012) “Toward a Transnational Methodology: Methods to Address Methodological Nationalism, Essentialism, and Positionality”. *Revue européenne des migrations internationales*, vol. 28, n. 1, pp. 51-70.

FERRAZ, J. de M.; FERRAZ, D. L. da S. Do espírito do capitalismo ao espírito empreendedor: a consolidação das ideias acerca da prática empreendedora numa abordagem histórico-materialista. Cadernos EBAPE.BR, Rio de Janeiro, RJ, v. 20, n. 1, p. 105–117, 2022. DOI: 10.1590/1679-395120200246. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/85313>. Acesso em: 6 jun. 2023.

FERREIRA DA SILVA, Renata; SANT'ANA BENTO, Juliane. Política migratória e direito ao trabalho: estudo de caso sobre a acolhida de imigrantes venezuelanos no Sul do Brasil.

**colomb.int.** , Bogotá, n. 106, pág. 165-198, abril de 2021 . Disponível em: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0121-56122021000200165&script=sci\\_arttext&tln\\_g=pt](http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0121-56122021000200165&script=sci_arttext&tln_g=pt)

FRESTON, Paul. The Religious Field among Brazilians in the United States. In: BRAGA, L. J.; JOUËT-PASTRÉ, C. (eds.), *Becoming Brazuca: Brazilian Immigration to the United States*. Cambridge, Harvard University Press, 2008, p. 255-268.

GARCIA, Ricardo Alexandrino; NOGUEIRA, Marly (2008) "A Inserção Das Cidades Médias Mineiras Na Rede Urbana De Minas Gerais". *Anais do XIII Seminário sobre a Economia Mineira*. em: Anais do XIII Seminário sobre a Economia Mineira, Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais.

GLICK-SCHILLER, Nina, Caglar Ayse, Guldbranden, Thaddeus C. (2006) "Beyond the ethnic lens: Locality, globality, and born-again incorporation". *American ethnologist*, vol. 33, n. 4, pp. 612-633.

GLICK-SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; SZANTON BLANC, Cristina (1995) "From Immigrant to Transmigrant: Theorizing Transnational Migration". *Anthropological Quarterly*, vol. 68, n. 1, pp. 48-63.

GLICK-SCHILLER, Nina; WIMMER, Andreas (2002) "Methodological nationalism and beyond: nation-state building, migration and the social sciences". *Global Networks*, vol. 2, n. 4, pp. 301-335.

GONÇALVES, Alcindo. O conceito de governança. CONPEDI, Manaus, Anais, 2006

G1. "Bilionário se muda para RR e ajuda venezuelanos que chegam ao Brasil: "Todo dia é uma lição". 22 de maio de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2019/05/22/bilionario-se-muda-para-rr-e-ajuda-venezuelanos-que-chegam-ao-brasil-todo-dia-e-uma-licao.ghtml>. Acesso em: 12 de maio de 2023.

HIRSCHMAN, Charles. The Role of Religion in the Origins and Adaptation of Immigrant Groups in the United States. *International Migration Review*, v. 38, n. 3, 2004, p. 1206-33

Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. "Encontrar um emprego melhor: Um guia de autossuficiência". Serviços de Autossuficiência, Fundo perpétuo de educação. 2016.

Disponível em:

<https://www.churchofjesuschrist.org/bc/content/ldsorg/topics/self-reliance/my-job-search-por.pdf>. Acesso em: 4 de junho de 2023.

Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. *Ensinos dos Presidentes da Igreja: Spencer W. Kimball, 2006.*

Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. *Finanças pessoais: autossuficiência.* 2017.

JOSEPH, Handerson (2015) Diáspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, UFRJ/Museu Nacional.

KOECHLIN, José; VEGA, Eduardo; SOLÓRZANO, Ximena. Migración venezolana al Perú: proyectos migratorios y respuesta del Estado. IN: KOECHLIN, J.; EGUREN, J. (eds.) El éxodo venezolano: entre el exilio y la emigración. Colección OBIMID, v. 4, 2018.

LEVITT, Peggy; KHAGRAM, Sanjeev (2007) *The Transnational Studies Reader. Intersections and Innovations.* Routledge.

LYCK-BOWEN, Majbritt; OWEN, Mark. A multi-religious response to the migrant crisis in Europe: A preliminary examination of potential benefits of multi-religious cooperation on the integration of migrants. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, v. 45, n. 1, 2019. Pp. 21-41

MARTINS, Carlos W. (2012) *Despierta el Millionario que hay en ti.* São Paulo, Editora Gente.

MEZZADRA, Sandro; NEILSON, Brett (2017) *La frontera como método.* Traficantes de sueños.

NGUYEN, Michelle (2020) “Why Migrants Stay in Small and Mid-Sized Canadian Cities: Towards a New Analytical Framework Using a Life Course Approach”. *Working Paper*, Canada Excellence Research Chair in Migration & Integration, Ryerson University.

NOLASCO, Carlos. Migrações internacionais: conceitos, tipologia e teorias. Oficina do CES nº 434, Março de 2016. Centro de Estudos Sociais – Laboratório Associado: Universidade de Coimbra, 2016.

OSTLER, Craig J.; BURNS, Brady (2016) “Development of LDS Humanitarian Aid”. In: Goodman M. A.; Properzi, M. (eds.) *The Worldwide Church: Mormonism as a Global Religion*, pp. 403-424.

PAINEL de interiorização. Plataforma R4V. Disponível em: <http://aplicacoes.mds.gov.br/snas/painel-interiorizacao/>. Acesso em: 06 de agosto de 2023.

PORTES, Alejandro and ZHOU, Min (1993) “The new second generation: segmented assimilation and its variants”. *Annals of the American Academy of Political and Social Sciences*, 530, pp. 74-96.

R4V. *Plataforma de Coordenação Interagencial para Refugiados e Migrantes da Venezuela*. Disponível em: <https://www.r4v.info/pt/brazil>. Acesso em: 20 de março de 2022.

RIBEIRO, Marcos Leôncio Sousa. Governança democrática em rede: estudo sobre acolhida imigratória de venezuelanos no Brasil. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração)— Universidade de Brasília, Brasília, 2020

ROSA, Ivandro Carlos; MEJIA, Margarita Rosa Gaviria e PERICO, Eduardo (2021) “Políticas públicas e redes de apoio aos migrantes haitianos, em pequeno município do Rio Grande do Sul, Brasil”. *Serviço Social & Sociedade*. n. 141, pp. 285-302.

SANCHEZ, Wagner Lopes. Francisco e as migrações. Um olhar a partir das mensagens para o dia mundial do migrante e do refugiado (2014 a 2019). In: *Perspect. Teol.*, Belo Horizonte, V. 50, n.2,p. 325-342. Mai/Ago.2018. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/3836/4000>

SAYAD, Abdelmalek (1998) *Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo, Edusp

SILVA, João Carlos Jarochinski; ABRAHÃO, Bernardo Adame. Contradições, debilidades e acertos dos marcos de regularização de venezuelanos no Brasil. *Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD, Dourados*, v. 8, n. 16, dez. 2019. Pp. 255-278.

SILVA, João Carlos Jarochinski; SAMPAIO, Cyntia (2018) “As ações decorrentes da migração de venezuelanos para o Brasil – da acolhida humanitária à interiorização”. In: Annoni, Danielle (coord.). *Direito Internacional dos Refugiados e o Brasil*. Curitiba: Gedai/UFPR, pp. 734-746.

SILVA, João Lucas Zanoni da. Operation Shelter: the venezuelan immigration to Dourados –Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Fronteiras e Direitos Humanos – Faculdade de Direito e Relações Internacionais, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados, 2019.

SILVA, Renata F. da; BENTO, Juliane S. (2021) “Política migratória e direito ao trabalho: estudo de caso sobre a acolhida de imigrantes venezuelanos no Sul do Brasil”. *Colombia Internacional*, n. 106, pp. 165-198.

SIMMEL, Georg. Contribuição para a sociologia da religião (1898). In: *Religião: ensaios – volume 2/2*. Trad. Stefan F. Klein e Gláucia Peres da Silva. São Paulo: Olho D’Água, 2011.

SOUZA, André Ricardo de; RUSEISHVILI, Svetlana. As organizações cristãs de abrangência nacional em face da questão dos refugiados. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 10, n. 2, maio – agosto, 2020. Pp. 537-555.

SUBCOMITÊ FEDERAL PARA RECEPÇÃO, IDENTIFICAÇÃO E TRIAGEM DOS IMIGRANTES Disponível em:

[https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Subcomit%C3%AA\\_federal/publica%C3%A7%C3%B5es/informe-migracao-venezuelana-jan2017-fev2022-v5.pdf](https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/Subcomit%C3%AA_federal/publica%C3%A7%C3%B5es/informe-migracao-venezuelana-jan2017-fev2022-v5.pdf). Acesso em: 11 de abril de 2023

VASCONCELOS, Iana dos Santos (2022) “Las iglesias le dan continente al migrante: igrejas, religiosidades e venezuelanos/as no norte do Brasil” . *Religião & Sociedade*, vol. 42, n. 1, pp. 177-200.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 2ª ed. rev. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.